

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MINAS GERAIS - *CAMPUS* OURO PRETO
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Matheus Filipe dos Santos

**RESQUÍCIOS DO ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS EM MINAS GERAIS:
os retábulos da capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté.**

Ouro Preto
2021

MATHEUS FILIPE DOS SANTOS

**RESQUÍCIOS DO ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS EM MINAS GERAIS:
os retábulos da capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Tecnologia em
Conservação e Restauro do Instituto de
Educação, Ciência e Tecnologia de Minas
Gerais - *Campus* Ouro Preto, para
obtenção do grau de Tecnólogo em
Conservação e Restauro.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer

Ouro Preto

2021

S237r

Santos, Matheus Filipe dos.

Resquícios do Estilo Nacional Português em Minas Gerais
[manuscrito] : os retábulos da capela de Nossa Senhora do Rosário de
Caeté / Matheus Filipe dos Santos. – 2021.
103 f. : il.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de
Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2021.

1. Arte Barroca. 2. Estilo Nacional Português. 3. Trastes. I. Bohrer,
Alex Fernandes. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro
Preto. III. Título.

CDU:

72.034

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Moraes - CRB-6/3217


Matheus Filipe dos Santos

RESQUÍCIOS DOS ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS EM MINAS GERAIS:

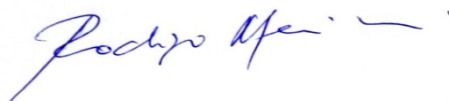
os retábulos da capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Tecnologia em
Conservação e Restauro do Instituto de
Educação, Ciência e Tecnologia de Minas
Gerais - *Campus* Ouro Preto, para
obtenção do grau de Tecnólogo em
Conservação e Restauro.

Aprovado em: 09/12/2021 pela banca examinadora:



Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer - IFMG (Orientador)



Prof. Me. Rodrigo Otávio de Marco Meniconi - IFMG



Prof. Dr. Aziz José de Oliveira Pedrosa - UEMG

Dedico aos meus pais e ao meu irmão,
grandes incentivadores e apoiadores dos meus sonhos.
E especialmente às minhas avós (in memoriam),
Vovó Bel e Vó Mercês,
que sem perceberem me ensinaram a valorizar o nosso patrimônio cultural.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida.

A Santíssima Virgem Maria, entre tantos títulos, a Senhora das Graças, da qual sou devoto. Que passou a frente em todos os momentos de aflição e angústia.

A minha família pelo constante apoio e incentivo. Especialmente ao meu pai, Luiz, sempre presente e meu maior exemplo de vida. A minha mãe, Cidoca, sempre amorosa, suas orações e seu carinho deixam meus dias mais leves. E ao meu irmão, Túlio, pelo constante auxílio.

A minha amiga Fernanda, pela amizade e cumplicidade ao longo desses anos.

Aos amigos e colegas do curso de Tecnologia em Conservação e Restauro, principalmente Nena, Josi, Leidi e Jéssica Amábilis, que proporcionaram os melhores momentos durante a graduação. Sem vocês o caminho até aqui seria mais árduo.

Aos professores do IFMG *Campus* Ouro Preto. Particularmente o Alex Bohrer, pela inserção no campo da pesquisa e pela orientação, desde o projeto de iniciação científica até este TCC.

Ao Aziz Pedrosa, professor da UEMG, pelas orientações iniciais.

Aos amigos e colegas do LABCOR, especialmente a Bianca, sempre disposta a ajudar e a Luana, meu presente de 2021 para a vida.

Aos amigos que Ouro Preto me deu, especialmente a Ana Beatriz, pelas leituras, correções, edições e sugestões sempre pertinentes. Você merece o mundo, Bia!

Aos funcionários do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, da Biblioteca Municipal Dr. Hezick Muzzi de Caeté, da Biblioteca Murilo Rubião da FAOP e da Paróquia Nossa Senhora do Bom Sucesso, pelo acesso durante as pesquisas e satisfação em ajudar.

E a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste sonho.

Muito obrigado de coração!

“Bendito, louvado seja,
O Rosário de Maria!
Se ela não viesse ao mundo,
Ai de nós, o que seria?”

(Autor desconhecido)

RESUMO

No início do século XVIII, retábulos do Estilo Nacional Português eram comuns nas primeiras matrizes e capelas mineiras. Mas com a necessidade de adequar a decoração interna dos templos aos estilos vigentes da época, muitas irmandades optaram pela substituição total ou parcial dessas estruturas por elementos característicos dos novos modismos, resultando nos trastes. Dessa forma, a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté, Minas Gerais, guarda três retábulos do estilo lusitano, muito modificados, o que permite supor quanto à origem e as diversas adaptações realizadas nessas peças, sendo consideradas estruturas remanescentes ou não. Para tal feito, foram realizadas análises morfológicas e estudos comparativos entre os retábulos da referida capela com outros exemplares do Nacional Português, presente em igrejas, capelas e museus da Bacia do Rio das Velhas, a fim de definir a possível origem do retábulo-mor e dos retábulos laterais da Capela do Rosário.

Palavra-chave: Barroco. Estilo Nacional Português. Trastes. Caeté.

ABSTRACT

At the beginning of the 18th century, altarpieces in the Portuguese National Style were common in the first matrixes and chapels in Minas Gerais. But with the need to adapt the internal decoration of the temples to the current styles of the time, many brotherhoods opted for the total or partial replacement of these structures by characteristic elements of the new fads, resulting in the fretwork. Thus, the Chapel of Nossa Senhora do Rosário in Caeté, Minas Gerais, holds three highly modified Portuguese-style altarpieces, which allow us to assume as to the origin and various adaptations made to these pieces, whether they are considered remnant structures. To this end, morphological analysis and comparative studies were conducted between the altarpieces of the aforementioned chapel with other examples of the Portuguese National, present in churches, chapels and museums in the Rio das Velhas Basin, to define the possible origin of the main altarpiece and of the side altarpieces of the Chapel of the Rosary.

Key-words: Baroque, Portuguese National Style, Fretwork, Caeté.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho esquemático de um retábulo do estilo nacional português.....	21
Figura 2 - Retábulo da Capela de Santo Tomás da Terra Nova, Sé Nova de Coimbra, Portugal.....	22
Figura 3 - Retábulo-mor do Mosteiro Novo de Santa Clara, em Coimbra, Portugal..	23
Figura 4 - Retábulo-mor do Convento Carmelita de Nossa Senhora dos Cardais, em Lisboa, Portugal.....	24
Figura 5 - Retábulo-mor do Mosteiro de Jesus, atual Museu do Aveiro, em Aveiro, Portugal.....	25
Figura 6 - Retábulo temático da Árvore de Jessé na Matriz de Caminha, Portugal...	26
Figura 7 - Painéis com vides do retábulo de São Benedito da Capela do Aflitos, São Paulo.....	28
Figura 8 - Painéis com vides do altar do Mosteiro de São Bento de Santana do Parnaíba.....	29
Figura 9 - Nave e capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Embu das Artes, São Paulo.....	30
Figura 10 - Nave e capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Itanhaém, São Paulo.....	30
Figura 11 - Retábulo lateral (lado da epístola) da Matriz de Pilar de Goiás.....	31
Figura 12 - Retábulos laterais e capela-mor da igreja do Convento de Santo Antônio, Rio de Janeiro.....	32
Figura 13 - Capela Dourada, Recife.....	33
Figura 14 - Pintura com arcos concêntricos na capela-mor da Igreja do Carmo de Olinda.....	33
Figura 15 - Retábulo-mor da Igreja da Boa Viagem em Salvador, Bahia.....	36
Figura 16 - Retábulo-mor da Igreja do Rosário, Chapada do Norte.....	38
Figura 17 - Retábulo lateral ao lado do evangelho da Catedral de Diamantina.....	39
Figura 18 - Retábulo-mor da Matriz de Cachoeira do Campo.....	41
Figura 19 - Detalhe da convexidade do retábulo colateral do Bom Jesus, Matriz de Cachoeira do Campo.....	42

Figura 20 - Detalhe da concavidade do retábulo lateral, Matriz de Cachoeira do Campo.....	42
Figura 21 - Retábulo do corredor ao lado da epístola da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	50
Figura 22 - Detalhe do medalhão do retábulo do corredor ao lado da epístola. Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	50
Figura 23 - Oratório da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté, em 1941.....	51
Figura 24 - Folhas de acanto sobre fundo vermelho no retábulo-mor da Capela de Santo Antônio de Pompéu, Sabará.....	52
Figura 25 - Estado atual do oratório da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	53
Figura 26 - Parte do trono localizado no consistório da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	54
Figura 27 - Antigo Passo de Santa Rita, em Caeté, Minas Gerais.....	55
Figura 28 - Fragmento de talha, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	56
Figura 29 - Fragmentos da talha de camarim, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	56
Figura 30 - Fragmento de apainelado com talhas, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	57
Figura 31 - Apainelados do camarim do retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Ó, Sabará.....	58
Figura 32 - Nicho presente no interior do antigo Passo de Santa Rita, Caeté.....	59
Figura 33 - Fachada frontal da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté.....	65
Figura 34 - Detalhe da portada da Capela do Rosário, Caeté.....	65
Figura 35 - Capela de Nossa Senhora da Piedade, Ouro Preto.....	66
Figura 36 - Capela do Bom Jesus das Flores, Ouro Preto.....	67
Figura 37 - Fachada lateral direita, Capela do Rosário, Caeté.....	67
Figura 38 - Capela de Nossa Senhora do Rosário no distrito de Morro Vermelho, Caeté.....	68

Figura 39 - Capela de Santo Antônio de Pompéu, Sabará.....	68
Figura 40 - Pintura do forro da capela-mor, Capela do Rosário, Caeté.....	69
Figura 41 - Pintura do forro da nave, Capela do Rosário, Caeté.....	71
Figura 42 - Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	73
Figura 43 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.....	74
Figura 44 - Matriz de São Bartolomeu, distrito de Ouro Preto.....	75
Figura 45 - Retábulo-mor da Capela de Nossa Senhora do Rosário, Caeté.....	77
Figura 46 - Detalhe do intercolúnio do sacrário, Capela do Rosário, Caeté.....	78
Figura 47 - Detalhe da talha vazada do retábulo-mor da Matriz de Cachoeira do Campo, Ouro Preto.....	78
Figura 48 - Marcas das rocalhas presentes no retábulo-mor da Capela do Rosário, Caeté.....	80
Figura 49 - Detalhe da cimalha da capela-mor, Capela do Rosário, Caeté.....	81
Figura 50 - Detalhe da cimalha do arco do cruzeiro e da nave, Capela do Ó, Sabará.....	81
Figura 51 - Retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.....	84
Figura 52 - Detalhe dos socos do retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.....	85
Figura 53 - Colunas presentes na Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	87
Figura 54 - Tarja com inscrição em latim no retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.....	88
Figura 55 - Cariátides presentes no retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.....	89
Figura 56 - Cabeça de cariátide, retábulo de Santo Antônio, Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, Cachoeira do Campo.....	90
Figura 57 - Retábulo ao lado da epístola, Capela do Rosário, Caeté.....	91
Figura 58 - Detalhe do soco do retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.....	92
Figura 59 - Cariátides do retábulo ao lado da epístola, Capela do Rosário, Caeté.....	94

Figura 60 - Cariátide do retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.....	94
Figura 61 - Janela de prospecção no interior do nicho do retábulo ao lado da epístola, Capela do Rosário, Caeté.....	95
Figura 62 - Fragmentos de tábuas policromadas, Capela do Rosário, Caeté.....	96
Figura 63 - Nicho do retábulo ao lado do evangelho, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	97
Figura 64 - Detalhe do nicho do retábulo ao lado do evangelho, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 HISTÓRICO GERAL	20
2.1 O Estilo Nacional em Portugal.	20
2.2 O Estilo Nacional Português no Brasil	27
2.3 O Estilo Nacional Português em Minas Gerais	36
2 AS IRMANDADES DE LEIGOS NAS MINAS GERAIS	43
3 TRASTES: COMÉRCIO E REAPROVEITAMENTO DE RETÁBULOS	47
4 CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	61
4.1 Breve histórico de Caeté, antiga Vila Nova da Rainha	61
4.2 Aspectos históricos, arquitetônicos e artísticos	64
4.3. Análise morfológica dos retábulos.	76
4.3.1 Retábulo-mor de Nossa Senhora do Rosário	77
4.3.2 Retábulo ao lado do evangelho	84
4.3.3 Retábulo ao lado da epístola	91
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

A Capela de Nossa Senhora do Rosário está localizada na cidade de Caeté, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. O arraial surgiu no início do século XVIII em decorrência da exploração de ouro, sendo elevado à categoria de vila em 1714, denominando-se Vila Nova da Rainha. Posteriormente, o local passou por um esgotamento aurífero, permanecendo assim até a década 1920, quando ressurgiu economicamente com a instalação da Companhia Ferro Brasileiro. Atualmente, a economia do município gira em torno do comércio e da mineração.

Especificamente, entre os anos de 1967 e de 1971, construções de grande valor patrimonial foram demolidas no centro histórico da cidade para dar lugar a novos edifícios, incentivados pela administração municipal vigente e pelo efetivo processo de industrialização, iniciado no final do século XIX (RIBEIRO, 2018). Com essas ações modernistas, poucas edificações do século XVIII sobreviveram, dentre elas: a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a Igreja de São Francisco de Assis, o casarão da atual Promotoria de Justiça e a Capela do Rosário.

A referida capela foi construída no início do século XVIII. Como consta no Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados, “[...] segundo a tradição oral, o templo teria sido construído pelo Frei Simão de Santa Tereza em 1704” (SPHAN, 1987, p.7). Internamente, a Capela do Rosário guarda três retábulos do Estilo Nacional Português, que são os objetos deste estudo. Nota-se que os retábulos laterais não são proporcionais ao tamanho da nave. “A julgar pela largura da moldura da mesa do altar, essas estruturas eram bem maiores, talvez com mais um par de colunas externas” (BOHRER, 2015, p. 332), ou seja, estes retábulos são pequenos em relação ao local onde estão inseridos. Percebe-se ainda que, tais retábulos são sobrepostos por duas sanefas de estilo Rococó, possivelmente, da segunda metade do século XVIII (OLIVEIRA; ALVES, 2018). Quanto ao retábulo-mor, o mesmo difere-se dos demais pela simplicidade da decoração, salvo por algumas partes e ornamentos. Observa-se também que, assim como os outros

retábulos, a referida estrutura passou por modificações para se adequar a capela-mor.

Com a necessidade de adequar a decoração interna dos templos aos estilos vigentes da época, muitas irmandades optaram pela substituição dos retábulos ou pela substituição parcial por elementos característicos do Joanino ou do Rococó, resultando nos ‘trastes’, “[...] peças do Nacional Português recolocadas em outros retábulos mais recentes.” (BOHRER, 2015, p. 18), que eram vendidos, doados ou descartados.

Dessa forma, seriam os atuais retábulos do Rosário de Caeté, estruturas originais do templo que passaram por modificações a fim de adequar ao modismo vigente ou as novas proporções da capela? Ou são trastes oriundos de outras edificações em reforma ou reconstrução, como a primitiva Igreja Matriz de São Caetano? Estes são questionamentos importantes que propomos responder ao final dessa pesquisa.

Por isso, esta pesquisa busca descrever morfologicamente os retábulos da Capela de Nossa Senhora do Rosário, estabelecendo estudos comparativos com outros retábulos e possíveis trastes do estilo Nacional Português de igrejas, capelas e museus da Bacia do Rio das Velhas, identificando, possivelmente, a autoria e a origem das peças, priorizando aquelas que estão diretamente relacionados com o referido templo.

Para alcançar tais objetivos e responder os questionamentos feitos anteriormente, definimos como metodologia uma pesquisa teórica, dividida em três linhas de pesquisa e a análise morfológica dos três retábulos que compõem o acervo da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté, citando os métodos de Erwin Panofsky e de Carlo Ginzburg, enfatizando as particularidades de cada exemplar, frente aos estilos predominantes no século XVIII em Minas Gerais e ao espaço físico que eles ocupam atualmente, a fim de definir a possível origem dos mesmos.

Assim, o presente estudo resgata a história e a memória local, salvaguardando o patrimônio cultural brasileiro, contribuindo e incentivando futuras ações de educação patrimonial. Salientamos ainda que os estudos sobre a talha do Estilo Nacional Português no Brasil são recentes e escassos, tornando-se a tese “*A talha do Estilo Nacional Português em Minas Gerais*” defendida pelo professor Alex

Bohrer a principal referência consultada. Quanto à produção artística durante o período barroco, as análises dos retábulos da Capela do Rosário e demais vestígios do estilo lusitano na região, serão um desdobramento dos estudos iniciados pelo citado autor, a fim de preencher parte da história colonial mineira.

2 HISTÓRICO GERAL

2.1 O Estilo Nacional em Portugal.

Os retábulos produzidos em Portugal entre 1675 e, aproximadamente, 1710-1715, foram definidos pelo historiador norte-americano, Roberth Smith, de estilo nacional português no seu livro *A talha em Portugal*, de 1962 (PEDROSA, 2016). E por Reynaldo dos Santos em *A Escultura em Portugal* publicado em 1950 (BOHRER, 2015). Apesar do nome, o termo se distancia de princípios nacionalistas e patriotas, definindo apenas as expressões artísticas com características locais, afastando das referências espanholas (BOHRER, 2015). Neste caso, substituindo os esgotados retábulos Maneiristas, renovando a estética e a funcionalidade dessas estruturas (LAMEIRA; SERRÃO, 2003).

Tal estilo é precedido por diversos fatos da historiografia portuguesa, como destaca Bonnet (2002, p. 6):

A morte de Dom Henrique em 1580 marcou não só o final da dinastia de Aviz, mas também a anexação de Portugal à Espanha. Em 1580 começou o reinado dos três Felipes: Felipe II da Espanha e I de Portugal (1580-1598), Felipe III de Espanha e II de Portugal (1598-1621) e Felipe IV de Espanha e III de Portugal (1621-1640). Em 1640 Portugal se torna independente da Espanha e sobe ao trono Dom João IV, o primeiro da casa de Bragança, inaugurando o período que ficou conhecido como o da Restauração Portuguesa.

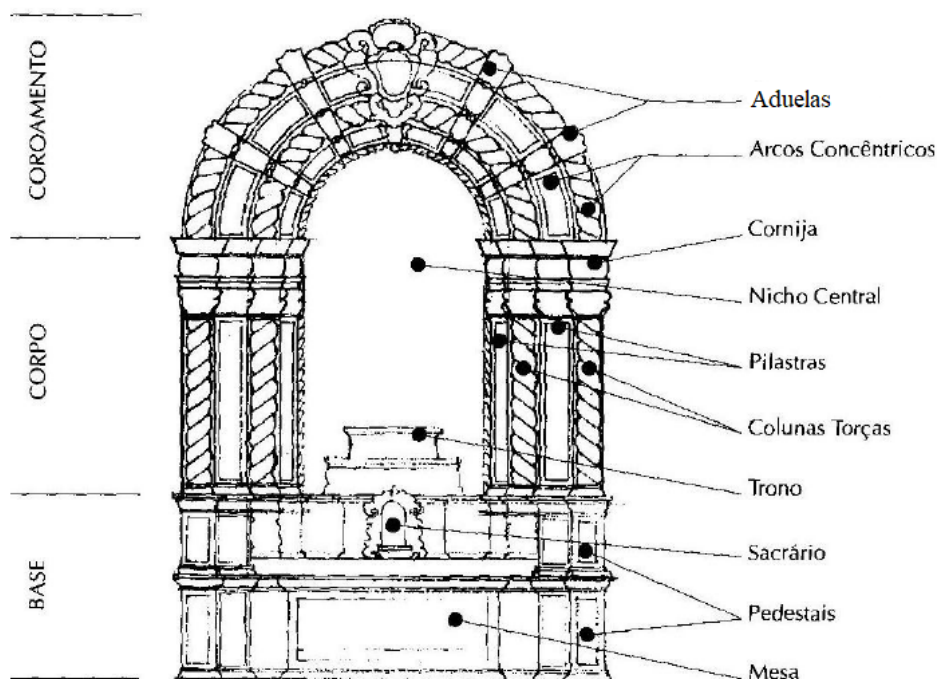
Estes retábulos são caracterizados por pares de colunas pseudo-salomônicas¹ no corpo do retábulo, interrompidas por arquitraves e cornijas, e continuadas por arcos concêntricos espiralados presos por aduelas no coroamento da estrutura, conforme a Figura 1. Este arremate em semicírculo na parte superior dos retábulos, é inspirado nas portadas medievais românicas, justificado pela grande quantidade de igrejas medievais desse estilo e suas portadas em todo o território português continental (FREIRE, 2010). Geralmente, estes elementos são decorados por motivos fitomórficos, zoomórficos e antropomórficos. Sendo eles, fitomórficos: folhas de acanto, videiras, girassóis, rosas etc; zoomórficos: aves (águias, pombas,

¹ Definição de Roberth Smith para colunas que apresentam corpo único, diferenciando das colunas salomônicas de Bernini, com base estriada (BOHRER, 2015)

pelicanos ou fênix), peixes, cavalos etc.; e os antropomórficos: *putti*², mulheres em formas de cariátides ou inseridas em grotescos, atlantes, anjos etc (BOHRER, 2015). Além das portadas romanas, o espaço arquitetônico contribuiu para a origem da estrutura dos retábulos do nacional português, conforme descreve Freire (2010, p. 139-140):

[...] o do espaço arquitetônico, em que aparece estes retábulos, marcado pelas abóbadas de berço, ou de arestas, com arco pleno na parede de fundo, na qual se adossa e desenvolve tais estruturas. Esse espaço arquitetônico específico, mais a tradição das portadas românicas podem ter sugerido aos entalhadores portugueses as primeiras soluções que configuraram o modelo em análise.

Figura 1 - Desenho esquemático de um retábulo do estilo nacional português.



Fonte: Adaptado de: FABRINO, 2012.

O primeiro exemplar do estilo nacional em terras lusitanas, foi possivelmente, segundo Smith, um altar com colunas lisas e torsas de mármore verde, oriundo de Gênova, dedicado à Nossa Senhora de Loreto em Lisboa, que infelizmente, foi destruído no terremoto de 1755 (BOHRER, 2015). Já para o

² *Putti* é o plural da palavra *putto*, vem do latim *putus* ou do italiano *puttus*, que significa menino. Na História da Arte é termo utilizado para a representação de um menino, geralmente gordinho e nú, em pinturas, esculturas ou talhas (BORGES, 2020).

historiador de arte francês, Germain Bazin, o retábulo mais antigo é o da Capela de Santo Tomás da Terra Nova (FIGURA 2) de 1688, na Sé Nova de Coimbra (BOHRER, 2015).

Figura 2 - Retábulo da Capela de Santo Tomás da Terra Nova, Sé Nova de Coimbra, Portugal.

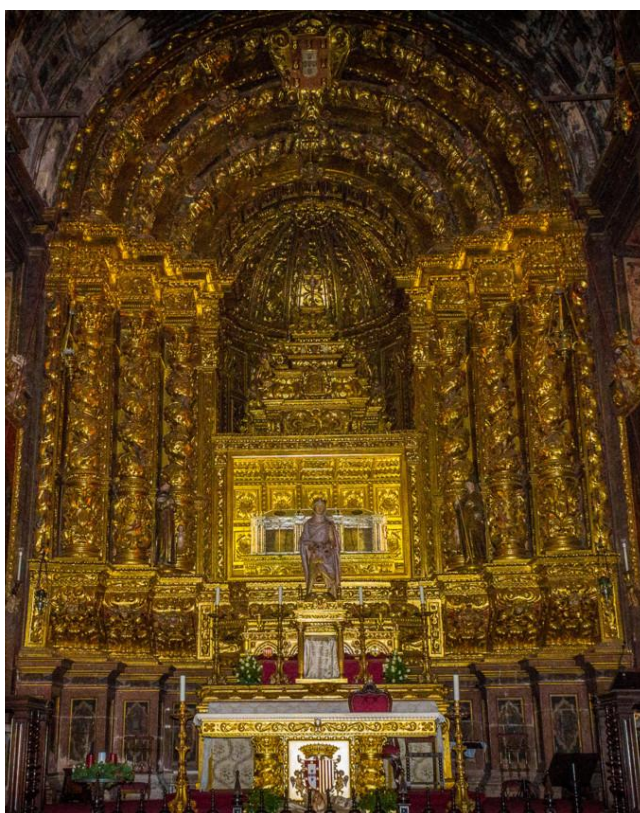


Fonte: <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-a-capela-de-s-tomas-de-vila-140675>

É comum encontrar em Portugal retábulos em dois andares, com características maneiristas que, embora sejam anteriores ao nacional, apresentam arquivoltas espiraladas, como o retábulo-mor de Escalhão e o da Misericórdia em Bragança, e com arquivoltas presas por aduelas e aros, como o Convento de Cós de Nazaré e o Bom Despacho de Cervães em Braga (BOHRER, 2015). Segundo Alex Bohrer (2015), o retábulo da igreja cartuxa em Évora, obra de Manuel e Sebastião Abreu do Ó, já apresenta um andar, tipologia comum em Minas Gerais. Neste exemplar, destaca-se a planta côncava, formato proporcionado pela projeção das colunas, além da tribuna, dos camarins, das mísulas em formato de coração e das edículas sobre a arcada (BOHRER, 2015).

Os primeiros retábulos mais modernos de Portugal, conforme Bohrer (2015), são os do Mosteiro Novo de Santa Clara em Coimbra (FIGURA 3) e o do Convento Carmelita de Nossa Senhora dos Cardais de Lisboa, anteriores a 1681 (FIGURA 4). Neles, as colunas espiraladas não são interrompidas pelas arquitraves, cornijas e pelos andares, são contínuas desde a mesa do altar até o coroamento da estrutura (BOHRER, 2015). Este modelo é o que será desenvolvido em Minas Gerais (SMITH³, 1962 *apud* BOHRER, 2015).

Figura 3 - Retábulo-mor do Mosteiro Novo de Santa Clara, em Coimbra, Portugal.



Fonte: <https://josecoelhophoto.blogs.sapo.pt/coimbra-o-mosteiro-de-26667>

³ SMITH, Robert. **A talha em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.

Figura 4 - Retábulo-mor do Convento Carmelita de Nossa Senhora dos Cardais, em Lisboa, Portugal.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ret%C3%A1bulo_nacional_portugu%C3%AAs

Quanto ao modelo dos retábulos, o mais comum é com quatro colunas e dois arcos, ou seja, um arco para cada par de colunas, como o da igreja de Nossa Senhora ao Pé da Cruz, em Beja e do Mosteiro de Jesus de Aveiro (FIGURA 5) (BOHRER, 2015). Este exemplar, gerou outros dois tipos específicos: com colunas separadas por pilastras, como o retábulo-mor de São Bento da Vitória, no Porto, e com painéis entre as colunas, como a Capela do Calvário do Mosteiro Beneditino de Santo Tirso, em Braga, conforme relata Bohrer (2015). Neste último, além dos anjos e dos *putti* que ocupam os painéis, é comum a inserção de nichos laterais. Segundo Bohrer (2015), é possível que a presença desses nichos entre as pilastras seja característica dos retábulos do Nacional Português e não do estilo joanino, como é frequentemente afirmado.

Figura 5 - Retábulo-mor do Mosteiro de Jesus, atual Museu do Aveiro, em Aveiro, Portugal.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Jesus

Outros tipos de retábulos comuns em Portugal, são os com relevos monumentais (FIGURA 6), que geralmente ocupam todo o camarim, com temas específicos, como a Árvore de Jessé. Temática presente na arte ibérica, mas que se desenvolve com monumentalidade na vigência do Estilo Nacional. De acordo com Bohrer (2015), encontra-se esta tipologia de Coimbra ao norte de Portugal, incluindo Porto e Braga.

Figura 6 - Retábulo temático da Árvore de Jessé na Matriz de Caminha, Portugal.



Fonte: <https://www.visitarportugal.pt/viana-castelo/caminha/caminha/igreja-matriz>

No final do século XVII e início XVIII, a talha dourada passa a ocupar, além dos retábulos, as paredes da capela-mor, das arcadas da nave e dos tetos, tornando-se elementos característicos da arte portuguesa (SMITH⁴, 1962 *apud* BOHRER, 2015). Exemplo desses elementos, o retábulo-mor da Capela de Santo Antônio de Lagos apresenta colunas separadas por painéis e com nichos laterais. Além da talha complexa, com atlantes nas mísulas, atlantes com braços estendidos, guerreiros à moda romana e homens com trajes árabes (BOHRER, 2015).

Posteriormente, os retábulos portugueses ficaram menos escultóricos, adquirindo elementos mais arquitetônicos, sob influência italiana, como afirma Bohrer (2015, p. 202) citando a Capela da Piedade da Igreja de São Roque de Lisboa:

Nesse retábulo não há mais correspondência entre as colunas e os arcos, se quebrando o ritmo tradicional entre o corpo e seu arremate. A parte de cima passa a ter um caráter mais arquitetônico, inclusive com frontões

⁴ SMITH, Robert. **A talha em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 1962

interrompidos. Multiplicam-se, a partir daí, cortinados e baldaquinos, bem como figuras antropomórficas de meio corpo, mais adultas, diferentes dos meninos nus da talha anterior.

2.2 O Estilo Nacional Português no Brasil

Além dos retábulos portugueses descritos no tópico anterior, os exemplares de São Paulo, Rio de Janeiro e do Nordeste, mais especificamente, Bahia e Pernambuco, influenciaram através dos encomendantes e construtores as peças de Minas Gerais (BOHRER, 2015).

No estado de São Paulo, há 15 igrejas com retábulos do estilo nacional português, sendo muitos destes, fragmentos de altares ou peças de museus (ROSADA, 2016). Entre estes exemplares, há duas correntes: uma portuguesa e outra com influência hispânica, como descreve Mateus Rosada (2016, p. 153):

Basicamente, a diferença entre elas se dá pelo tratamento dos painéis. Uma parte maior possui painéis no padrão luso, decorados com folhas de acanto, enquanto que noutra esses mesmo painéis são compostos por talha vazada com motivos de videiras, ainda com resquícios de uma arte plateresca em adaptação ao padrão aportuguesado.

Da primeira corrente, encontra-se algumas peças do retábulo do jazigo da Igreja da Ordem Terceira Franciscana de São Paulo, o frontal do altar da Igreja de Santana do Mosteiro de São Bento em Jundiaí e, o frontal do altar e o trono da Capela de Nossa Senhora dos Aflitos de São Paulo. Estes exemplares são recomposições, com estruturas livres e não organizadas como no nacional português, mas os seus elementos permitem a classificação dentro do estilo (ROSADA, 2016).

Já os retábulos da segunda corrente, diferem-se pela influência castelhana, como descreve Rosada (2016, p. 273):

Nos causa estranheza justamente que esses painéis não sejam ornamentados com enrolamentos de folhas de acanto, como é comum ao estilo barroco português, e sim com vides e, ao contrário das colunas, sem pássaros ou outros elementos.

Dessa tipologia restaram os fragmentos do retábulo-mor da Igreja do Bom Jesus dos Jesuítas, do retábulo de São Benedito da Capela dos Aflitos (FIGURA 7)

e fragmentos do altar do Mosteiro de São Bento de Santana do Parnaíba (FIGURA 8), atualmente no Museu de Arte Sacra (MAS), todos em São Paulo.

Figura 7 - Painéis com vides do retábulo de São Benedito da Capela dos Aflitos, São Paulo.



Fonte: Adaptado de: ROSADA, 2016.

Figura 8 - Painéis com vides do altar do Mosteiro de São Bento de Santana do Parnaíba.



Fonte: Adaptado de: ROSADA, 2016.

Outra característica dos retábulos paulistas com influências jesuíticas descritas por Alex Bohrer (2015), refere-se à disposição dos mesmos: os laterais paralelos ao arco do cruzeiro e o retábulo-mor arrematado por um teto trifacetado, como é perceptível na igreja de Nossa Senhora do Rosário de Embú (FIGURA 9) e de Nossa Senhora da Conceição de Itanhahém (FIGURA 10). Quanto à ornamentação, os exemplares dos referidos templos apresentam tímpanos sob as arquivoltas, anexados aos camarins, que são geralmente rasos, semelhantes a oratórios ou edículas⁵ (BOHRER, 2015). Os retábulos de Embú exibem ainda “o relevo de uma águia bicéfala no tímpano formado abaixo das arquivoltas” (BOHRER, 2015, p. 231), provável herança dos Habsburgo e da União Ibérica, rompendo junto ao tímpano, com o ritmo dos arcos (BOHRER, 2015).

⁵ Edícula: pequeno nicho para abrigar imagens de santos (FABRINO, 2012).

Figura 9 - Nave e capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Embú das Artes, São Paulo.



Fonte: <https://www.scielo.br/j/ea/a/CVQkk5z4TfFGMYmnSqCzVCf/?lang=pt#>

Figura 10 - Nave e capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Itanhaém, São Paulo.



Fonte: <http://www.blogcaicara.com/2019/08/artigo-ruinas-abarebebe-passado-e.html>

Na região Centro-Oeste, mais precisamente em Pilar de Goiás, a matriz de Nossa Senhora do Pilar guarda em seu interior um retábulo lateral ao lado da

epístola (FIGURA 11), com colunas torsas simples arrematada por arcada lisa, conservando o modelo do Nacional Português. Segundo Bohrer (2015, p. 232) este retábulo “é exemplo bem distanciado das fontes lusitanas, já muito adaptado ao meio local”.

Figura 11 - Retábulo lateral (lado da epístola) da Matriz de Pilar de Goiás.



Fonte: BOHRER, 2015.

A Igreja e Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro conserva três retábulos no estilo lusitano (FIGURA 12), únicos exemplares da cidade. As peças apresentam características da arte portuguesa, sendo os laterais com desenho retangular e o mor com coroamento semi-circular, unindo as arquivoltas com o forro em abóbada de berço, decorado com painéis pictóricos emoldurados pela talha do estilo nacional (BOHRER, 2015).

Figura 12 - Retábulos laterais e capela-mor da igreja do Convento de Santo Antônio, Rio de Janeiro.



Fonte: <https://sanctuaria.art/2016/03/10/igreja-do-convento-de-santo-antonio-rio-de-janeiro-rj/>

Em Recife, a Capela Dourada (FIGURA 13) guarda o principal conjunto de retábulos do Nacional Português, como descreve Bohrer (2015, p. 234):

Esse templo franciscano foi erguido em fins do século XVII e inícios do XVIII, sendo o retábulo-mor obra do entalhador Antônio Martins Santiago. Tal estrutura apresenta planta retilínea, sem concavidades, e é composta de quatro colunas e dois arcos. Os outros seis retábulos laterais tem, cada um, duas colunas e arco único, ladeados por pilastras. Toda a decoração tem como base acantos e videiras, não apresentando a ornamentação zoomórfica e antropomórfica [...]

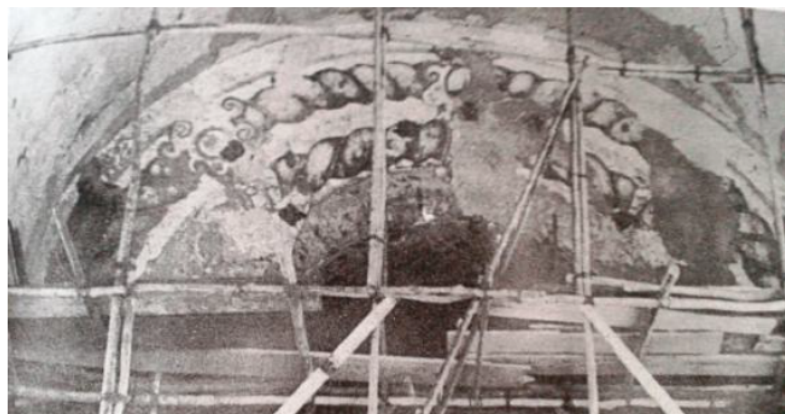
Figura 13 - Capela Dourada, Recife.



Fonte: <https://sanctuararia.art/2015/06/22/convento-de-santo-antonio-e-a-capela-dourada-recife-pe/>

Ainda no Estado de Pernambuco, encontra-se na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Olinda, uma pintura (FIGURA 14) com “[...] arcos concêntricos fingidos, espiras, aduelas, mísulas, ornamentação fitomórfica, etc (BOHRER, 2015, p. 240). Solução temporária adotada pelas irmandades e pelas ordens até conseguissem substituí-la por retábulos em talha dourada, ou no caso das associações mais pobres, único meio de ornamentar o templo (BOHRER, 2015, p 240).

Figura 14 - Pintura com arcos concêntricos na capela-mor da Igreja do Carmo de Olinda.



Fonte: BOHRER, 2015.

Segundo Freire (2010), o período de vigência do nacional português na Bahia regula com o de Portugal, de 1675 a 1750. Do século XVII, destacam-se os

retábulos da antiga Igreja do Colégio da Companhia de Jesus, em Salvador, sendo eles: o das virgens e dos santos mártires e o retábulo-mor com um misto de nacional português e maneirismo, com influência da talha hispânica, assim como os retábulos paulistas da segunda corrente, descritos anteriormente (FREIRE, 2010).

Também em Salvador, o retábulo do topo do transepto do Convento de Santa Tereza d'Ávila caracteriza-se por três arcos plenos concêntricos sem colunas nos pés direitos e decorados com volutas encadeadas, intercalados por dois arcos partindo de colunas pseudo-salomônicas com motivos helicoidais. Tais colunas são interrompidas pelo entablamento composto por arquitrave, friso e cornijas, com planos salientes e reentrantes como descreve Luiz Freire (2010). Os cinco arcos são unidos por três raios ou aduelas, decorados por volutas acânticas e querubins nos extremos inferiores. Sobre o raio/aduela central está uma cartela em formato de coração, ladeada por volutas e arrematada por concha (FREIRE, 2010). Por sua vez, a base da referida estrutura é composta pelos pilares que sustentam as colunas, decorados com modilhões e com cartela em forma de coração encimada por concha vieira, e pelos pilares retos que sustentam os pés direitos, com o mesmo ornamento dos arcos, as volutas acânticas encadeadas conforme escreve Freire (2010). Já a base do camarim apresenta três nichos com esculturas: um central e alto, e dois laterais e mais baixos. É válido ressaltar que as espiras dessa parte do retábulo são lisas e com ornatos apenas nas partes baixas, e que a peça é toda dourada (FREIRE, 2010).

Destaca-se ainda a Igreja de São Francisco, onde o retábulo-mor contém arquivoltas concêntricas e ornamentação antropomórfica, com vários atlantes no fuste das colunas e nas aduelas (BOHRER, 2015). Já os retábulos da nave, exceto os do transepto, com planta côncava, apresentam também as características arquivoltas do estilo, com aduelas adornadas com cabeças de anjos, e colunas sustentadas por atlantes, intercalando o fundo branco com o dourado da talha, como descreve Bohrer (2015).

Outro exemplar da Bahia que merece atenção é o retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (FIGURA 15). As colunas dessa estrutura são helicoidais, decoradas nos fustes com ramos de folhas e flores, e em algumas regiões um pássaro bicando um ramo. Já nos arcos do coroamento, elementos

antropomórficos (*puttis* e *queburins*) acentuam as aduelas laterais, enquanto a central sustenta uma cartela coroadada, ladeada por *puttis* (FREIRE, 2010). Curiosamente, as colunas em terceiro plano no corpo do retábulo, são interrompidas por nichos, onde na extremidade superior manteve-se uma espira com capitel sobre um feixe de plumas, arrematando assim, o nicho para as esculturas, como comenta Freire (2010). De acordo com Alex Bohrer (2015, p. 239), essa solução é algo incomum no modelo fechado do Nacional Português:

[...] não se trata de adição de época posterior, o nicho aqui parece ter sido previsto em projeto, o qual, contudo, se afasta deliberadamente do modelo orgânico original, onde, para cada arco, corresponde um par de colunas (aqui uma arquivolta estranhamente se sustenta sobre um capitel sem o pedestal abaixo).

Figura 15 - Retábulo-mor da Igreja da Boa Viagem em Salvador, Bahia.



Fonte: https://www.studioargolo.com.br/servicos/restauracao_de_templos

Quanto a policromia e ao douramento do retábulo-mor da Boa Viagem, o dourado dos ornatos contrasta com o fundo branco da estrutura, com a carnação e o castanho dos cabelos dos elementos antropomórficos nus (FREIRE, 2010).

2.3 O Estilo Nacional Português em Minas Gerais

Em Minas Gerais há um grande acervo de retábulos nacional português. De acordo com o levantamento realizado por Alex Bohrer (2015), 29 igrejas e capelas guardam exemplares desse estilo, além de peças sobreviventes presentes em museus, sacristias e depósitos de templos que serão descritas posteriormente⁶. Segundo Aziz Pedrosa (2016), os primeiros retábulos do nacional no estado, datam das primeiras décadas do século XVIII, já que, na década de 1730, surgiram

⁶ Ver item 3.

manifestações do estilo joanino na talha colonial luso-mineira, presentes inicialmente na igreja Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes.

Em suas pesquisas, Bohrer (2015) classificou os retábulos do nacional português em Minas Gerais, considerando as bacias hidrográficas onde estão localizados tais peças e, conseqüentemente o relevo, não seguindo a divisão política posterior. Dessa forma, os exemplares foram agrupados em quatro regiões, sendo elas: Vale do São Francisco e Jequitinhonha (Norte de Minas), Vale do Rio das Velhas, Vale do Rio Doce e Vale do Paraopeba.

A falta de documentação referente a produção dos retábulos mineiros, impede a definição das possíveis datas e autorias das peças (PEDROSA, 2016). Bohrer (2015) afirma que os retábulos de Matias Cardoso, no norte de Minas, são os mais antigos ou simultâneos ao acervo da Bacia do Rio das Velhas. Dessa forma, compõem o Vale do São Francisco e Jequitinhonha: o retábulo-mor e o da sacristia da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Matias Cardoso; o mor e os laterais da Matriz de Santa Cruz, em Chapada do Norte; os do arco do cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Minas Novas; o retábulo mor da Igreja de São José de Itapanhoacanga, distrito de Alvorada de Minas; e por fim, os dois do arco do cruzeiro da Matriz de São Francisco de Costa Sena, pertencente a Conceição do Mato Dentro.

Dessa região, destaca-se ainda o mor da Igreja do Rosário de Chapada do Norte (FIGURA 16), sendo o melhor exemplar do extremo norte de Minas. Segundo Bohrer (2015, p. 270): “Trata-se de oficina superior, estilística e tecnicamente falando, com obras de marcenaria, escultura e pintura, ao contrário das outras, simples trabalhos de marceneiros ou escultores sem muita perícia técnica”. Além do retábulo lateral do lado do evangelho da Catedral de Diamantina, oriundo da antiga Matriz de Santo Antônio do Tejuco (FIGURA 17), possivelmente, uma peça de mestres portugueses com desenho e proporção semelhantes aos encontrados na região de Braga, Portugal, e o único da bacia com densa talha dourada (BOHRER, 2015).

Figura 16 - Retábulo-mor da Igreja do Rosário, Chapada do Norte.



Fonte: <https://www.facebook.com/paroquiasantacruzdechapada/posts/2464837736981762>

Figura 17 - Retábulo lateral ao lado do evangelho da Catedral de Diamantina.



Fonte: Foto do Autor.

Em comparação com as outras bacias, a do Rio das Velhas possui a maior quantidade de retábulos preservados, visto que são mais antigos e mais complexos, sendo assim respeitados em intervenções arquitetônicas posteriores (BOHRER, 2015). Nos distritos de Ouro Preto, integram o acervo da região: o retábulo-mor da Capela de Santo Amaro de Botafogo; os dois retábulos colaterais, o lateral do lado do evangelho e o da capela ao lado da epístola da Matriz de São Bartolomeu; o mor da Capela de Nossa Senhora das Mercês também em São Bartolomeu; o retábulo -mor, os dois anexos ao arco do cruzeiro e o lateral esquerdo (lado do evangelho) da Matriz de Santo Antônio de Glaura; e os dois retábulos laterais da Igreja de São Gonçalo de Amarantina.

Dentro da mesma bacia hidrográfica, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará destaca-se pela número de retábulos do Estilo Nacional, sendo eles o mor e oito laterais distribuídos nas naves, já que o templo apresenta estrutura arquitetônica composta por três naves, tipologia rara em Minas Gerais (BOHRER, 2015). Já na Capela de Santo Antônio, no distrito de Pompéu, preserva-se apenas o retábulo-mor. Assim como, na Capela do Ó, com talha complexa, fina e dourada em meio ao fundo vermelho imitando laca. Na cidade vizinha, Caeté, a Capela do Rosário, objeto deste estudo, possui três retábulos do nacional português: o mor e os colaterais anexados ao arco do cruzeiro, que serão descritos e analisados posteriormente⁷.

Por sua vez, a Matriz da Conceição de Raposos guarda em seu interior quatro peças do nacional, sendo o retábulo-mor e os três laterais. Em Itabirito, na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, encontram-se quatro retábulos: o mor, dois ao lado do arco do cruzeiro e o do Santíssimo Sacramento. Ainda em Itabirito, dessa vez no distrito de Acuruí, na Igreja do Rosário identifica-se apenas o retábulo-mor da tipologia estudada.

Ainda na Bacia do Rio das Velhas, o conjunto retabulístico da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, distrito ouro-pretano, possui a maior variação de plantas, com exemplares dos três tipos principais de Portugal. Sendo eles: o mor com planta plana (FIGURA 18), onde o corte é plano ou semi-plano, com todas as colunas alinhadas, paralelas ou um pouco recuadas em relação ao altar; os colaterais (FIGURA 19) ao lado do evangelho (Bom Jesus) e da epístola (Santo Antônio) com planta convexa, nos quais as colunas centrais e a arquivolta correspondente projetam-se para a frente; e os laterais do Rosário (lado do evangelho) e de São Miguel (lado da epístola) com planta côncava (FIGURA 20), caracterizada pelo uso de pilastras em forma de moldura, onde as colunas e os arcos aprofundam-se em direção ao camarim (BOHRER, 2015).

⁷ Ver item 4.

Figura 18 - Retábulo-mor da Matriz de Cachoeira do Campo.



Fonte: Foto do autor.

Figura 19 - Detalhe da convexidade do retábulo colateral do Bom Jesus, Matriz de Cachoeira do Campo.



Fonte: BOHRER, 2021.

Figura 20 - Detalhe da concavidade do retábulo lateral, Matriz de Cachoeira do Campo.



Fonte: BOHRER, 2021.

No Vale do Rio Doce são exemplos do Nacional Português: o retábulo-mor, com uma tela ocupando o camarim no lugar do trono eucarístico e o lateral dedicado a São João Evangelista (lado do evangelho) da Catedral da Sé de Mariana; o mor e os colaterais da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Camargos, com soluções semelhantes às criações rurais portuguesas; os laterais da nave com camarim raso e largo, e os anexos ao arco do cruzeiro com talha Nacional e tendências joaninas, destacando o coroamento com complexa base sob um dossel, todos pertencentes à Matriz do Bom Jesus de Furquim; os dois laterais do arco do cruzeiro da Matriz de São Sebastião do Ribeirão do Carmo; os laterais da Igreja de Nossa Senhora da Glória de Passagem de Mariana, sendo o do Senhor dos Passos (lado da epístola) com talha joanina, mas com ritmo, formas e ornamentos semelhantes ao nacional português; os dois laterais da Igreja de São José, últimas peças do estilo lusitano na sede de Ouro Preto; o retábulo lateral de São Domingos da Matriz de Barão de Cocais, estrutura pequena adequada para o referido templo; e finalizando, o retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Brumado (BOHRER, 2015).

Concluindo as estruturas do Estilo Nacional Português em Minas Gerais, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Piedade do Paraopeba abriga o único exemplar do estilo no Vale do Paraopeba (BOHRER, 2015). Trata-se do retábulo-mor muito alterado estruturalmente, com mísulas e poucas folhas de acanto, apainelados e cariátides ao gosto popular, descreve Bohrer (2015).

2 AS IRMANDADES DE LEIGOS NAS MINAS GERAIS

As associações religiosas de leigos surgiram na Idade Média e foram estimuladas pela Igreja Católica, principalmente a partir do século XVI (CAMPOS, 2011). Tais confrarias, eram responsáveis pela vida espiritual de homens e mulheres comuns, tornando-se importante instrumento catequético:

[...] pois ensinavam a seus membros as principais orações, os pecados capitais, as virtudes cardeais e teologais (fé, esperança, caridade), os sete sacramentos, os dez mandamentos, o exame diário de consciência, bem

como a prática da confissão e comunhão por ocasião da quaresma (CAMPOS, 2011, p. 1).

Completa Adalgisa Campos:

O conjunto de fiéis, composto em grande parte por analfabetos, adquiria conhecimento pelo hábito da escuta, ou seja, através da leitura compartilhada praticada por ocasião das missas, pregações e aulas de catecismo promovidas pela paróquia (CAMPOS, 2011, p. 1).

Ao mesmo tempo, tornaram-se elementos de segregação social:

Os terceiros sentiam-se mais qualificados na hierarquia social e espiritual que os membros das irmandades, pois normalmente faziam parte da elite (artesanal, intelectual, política e militar) e também eram irmãos professos. Profissionais destacados no ofício de pedreiro, carpinteiros, entalhadores, escultores, pintores e empreiteiros foram membros dessas associações e foram sepultados em seus templos (CAMPOS, 2011, p. 1).

A autora ainda ressalta que:

[...] havia uma vigilância sobre a origem dos agremiados com o intuito de não permitir a filiação de **raça infecta** – mouros e judeus, cuja religião era considerada herege – nem de membros que tivessem comportamento vexatório ou vida pregressa escandalosa. Em várias irmandades de crioulos (negros nascido na colônia) não se aceitava o negro boçal, ou seja, o africano que não dominava a língua vernácula. Por sua vez, determinadas irmandades do Rosário dos Pretos registraram em seus estatutos a proibição de se aceitar quilombolas (CAMPOS, 2011, p. 2, grifo do autor).

Essas agremiações foram especificadas por Caio Boschi no livro *Os leigos e o poder* de 1986, dividindo-as em ordem terceira, irmandade e arquiconfraria (FERREIRA, 2013). As ordens terceiras tinham vínculo com as ordens regulares, e seus membros, geralmente reinóis casados ou solteiros, seguiam as regras presentes no livro Estatuto (CAMPOS, 2011). Dessa forma, a fundação das ordens terceiras estavam sujeitas à aprovação dos provinciais das ordens primeiras, permitindo aos irmãos leigos a partilha dos privilégios e indulgências concedidas às ordens regulares (FERREIRA, 2013).

Diferente das ordens terceiras, as irmandades não possuíam vínculo com as ordens presentes nos conventos, conforme afirma Campos (2011). As mesmas

podiam ser de obrigação ou mantinham um aspecto de devoção (BOSCHI, 1986⁸ *apud* FERREIRA, 2013). A primeira estava submetida às jurisdições eclesiásticas e seculares, e possuía livros internos de seu funcionamento, como: o de Compromisso, que continha as normas estatutárias; o de Entrada de Irmão; e o livro de Receitas e Despesas (FERREIRA, 2013). Já as irmandades de devoção, não tinham regulamentação interna, o que justifica o desaparecimento das mesmas, assim os irmãos dirigiam-se para as confrarias com Estatuto, possibilitando assistência em enfermidades e na morte, como afirma Ferreira (2013).

Por sua vez, as arquiconfrarias são corporações religiosas, assim como as irmandades, mas tinham o poder de agregar outra associação leiga, tornando-se uma confraria-mãe (FERREIRA, 2013). Dessa forma, a confraria agregada partilhava dos privilégios e indulgências da arquiconfraria, que apesar de tudo, não tinha direito sobre a irmandade filiada, descreve Ferreira (2013). Entretanto, para que isso ocorresse, 11 exigências deviam ser respeitadas, das quais Maria Clara Ferreira (2013, p. 18) destaca:

[...] a associação religiosa só detinha faculdade de agregação quando concedida pela Santa Sé; para que fosse reconhecida canonicamente, a ereção da agregante ficava a cargo, ao menos, do Ordinário; as duas agremiações deveriam preservar a mesma identidade, bem como a finalidade; a agregação ocorria gratuitamente e de modo definitivo, perpétuo.

Toda essa organização só foi possível, devido à ausência de ordens conventuais na Capitania de Minas Gerais, como escreve Pedrosa (2016, p. 142):

[...] as ordens regulares, como a Companhia de Jesus, foram proibidas de professarem, como medida preventiva da Coroa de assegurar o resguardo econômico de uma riqueza projetada pela mineração e que poderia ficar exposta ao risco de contrabando e estratégias externas de apropriação ilícita, por parte das ordens religiosas regulares.

Diante disso, as associações leigas adquiriram aspecto peculiar nas Minas dos 700, tornando-se responsáveis pela vida religiosa e, conseqüentemente, pelo mercado artístico e cultural da época, proporcionando originalidade à arte e à

⁸ BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

arquitetura vindos da Europa (BOHRER, 2015). Adalgisa Campos (2011) afirma que estas agremiações eram bem articuladas socialmente, mantendo vínculo com o poder régio, com as autoridades militares, com os civis e demais organizações religiosas. Assim, atuaram efetivamente na construção de igrejas e capelas, especialmente na produção da talha, esporadicamente recebendo recursos da Coroa para a edificação dos mesmos (PEDROSA, 2016).

As irmandades do Santíssimo Sacramento e dos santos padroeiros dos arraiais, são as mais antigas de Minas Gerais (BOHRER, 2015). As referidas confrarias ocupavam a capela-mor junto a fábrica paroquial (representada pelo vigário), onde cultuavam o ostensório com a hóstia consagrada e a escultura do padroeiro, expostos no retábulo-mor, afirma Campos (2011, p. 4). Por sua vez, as demais agremiações ocupavam os retábulos colaterais e laterais presentes na nave das igrejas matrizes dedicados à outros santos, como: Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, São Miguel e Almas, Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio etc (BOHRER, 2015). Dessa forma, todas as irmandades eram responsáveis pelas despesas referentes ao culto dentro da Matriz, como:

[...] aquisição do mobiliário da sacristia, contratação de sacerdotes para celebração de missas e de músicos para abrilhantar os dias festivos; instalação e conservação dos sinos, bem como dos paramentos litúrgicos, dos ornamentos do templo, das imagens dos santos e dos suprimentos para a execução dos rituais católicos (CAMPOS, 2011, p. 4)

Entretanto, algumas irmandades como o Rosário dos Pretos e aquelas compostas na maioria por crioulos, conseguiram recursos financeiros suficientes para construir a própria capela (CAMPOS, 2011), desmembrando-se da igreja matriz, mas conservando o retábulo presente no templo paroquial. Segundo Bohrer (2015), muitas vezes motivada por desavenças entre as irmandades. Tal fenômeno ocorreu desde o início do século XVIII, sendo os negros escravos e livres os precursores dessa iniciativa (OLIVEIRA, 2018).

3 TRASTES: COMÉRCIO E REAPROVEITAMENTO DE RETÁBULOS

Com a necessidade de adequar a decoração interna dos templos aos estilos vigentes da época, neste caso, o estilo Dom João V ou o Rococó, muitas irmandades optaram pela substituição total ou parcial dos retábulos por elementos característicos dos novos modismos, resultando nos ‘trastes’, “[...] peças do Nacional Português recolocadas em outros retábulos mais recentes.” (BOHRER, 2015, p. 18). Assim, os exemplares que não foram reaproveitados em outras igrejas e capelas, foram destruídos, afirma Bohrer (2015). Provavelmente, a venda, doação ou descarte das referidas estruturas, ficavam a cargo das irmandades, ordens terceiras e arquiconfrarias, visto que eram as grandes contratantes de obras, responsáveis pela edificação e ornamentação dos templos, visando a beleza do culto (CAMPOS, 2011).

No século XVIII, tamanha decisão não restringia-se somente às associações leigas, mas também ao clero, embora em ação reduzida. De acordo com Bohrer (2015), o bispo Dom Frei Manuel da Cruz, tornou-se um mercenário, passando a coordenar as obras de readequação da Matriz de Nossa Senhora da Assunção de Mariana, Minas Gerais, elevada à condição de catedral. Em carta enviada ao rei de Portugal, Dom João V, em 1748, o bispo discorre sobre as decisões acerca da preservação dos retábulos da antiga Matriz da então Vila do Ribeirão do Carmo, especificamente o mor no Estilo Nacional:

[...] o retábulo para a capela-mor pode ficar o mesmo, que é bom, e está dourado; mas como este retábulo é da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que agora está colocado em uma capela do rosário no cruzeiro da parte do evangelho, cuja capela necessita de se acrescentar ao menos uma braça, e tem já retábulo perfeito, mas não dourado, me parece justo, que se faça essa obra à custa da Fazenda Real, vista a grande despesa, que a Irmandade e o povo fez com a capela-mor, o seu retábulo e toda a igreja. (COPIADOR DE CARTAS PARTICULARES DO SENHOR DOM FREI MANUEL DA CRUZ, BISPO DO MARANHÃO E DE MARIANA (1739-1762), 2008⁹ *apud* BOHRER, 2015).

⁹ COPIADOR DE CARTAS PARTICULARES DO SENHOR DOM FREI MANUEL DA CRUZ, BISPO DO MARANHÃO E DE MARIANA (1739-1762). Transcrição, revisão e notas: Aldo Luiz Leoni. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

Além da atual Catedral da Sé de Mariana, é possível identificar possíveis trastes em outros templos mineiros. Desse modo, segundo Alex Bohrer (2015) e a sua classificação dos retábulos abordada anteriormente, a Catedral de Diamantina no Vale do Jequitinhonha, guarda o retábulo lateral esquerdo (lado do evangelho), oriundo da demolida Matriz de Santo Antônio do Arraial do Tejuco. Já no Vale do Rio Doce, encontram-se dois retábulos laterais na igreja de Nossa Senhora da Glória, em Passagem de Mariana, distrito da sede, que deveriam pertencer à capela primitiva e foram reinseridos atualmente na nave (BOHRER, 2015). E o retábulo lateral de São Domingos presente na Matriz de São João Batista, em Barão de Cocais, que pertencia à antiga capela que existiu no lugar do atual templo, afirma Bohrer (2015).

Por sua vez, no Vale do Paraopeba, o retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora da Piedade, em Piedade do Paraopeba, contém apainelados, mísulas e folhas de acantos reinseridos no atual. Já no Vale do Rio das Velhas, o exemplar da Capela das Mercês provavelmente é o mor original da Matriz de São Bartolomeu, no distrito ouro-pretano de mesmo nome, desmontado para dar lugar ao atual.¹⁰ Ainda em Ouro Preto, partes do retábulo-mor e os laterais da Matriz de Santo Santo Antônio de Glaura, possivelmente são da antiga ermida, cuja a invocação original era Nossa Senhora de Nazaré, quando o local chamava-se ainda Santo Antônio das Minas de Balthazar Godoy (BOHRER, 2015).

Em alguns casos o traslado de trastes é feito dentro do próprio templo, como ocorreu na Sé de Mariana e também na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, em Itabirito. Neste último caso, o retábulo do Santíssimo que hoje abriga a imagem de Nosso Senhor dos Passos, provavelmente pertencia à nave da mesma igreja, sendo substituído pelos atuais retábulos em estilo Rococó e transferido para a capela do Santíssimo Sacramento, conforme escreve Bohrer (2015, p. 338):

[...] as arquivoltas estão claramente achatadas, cortadas no ponto de junção com as arquitraves. Outro detalhe que mostra modernização e readequação é o medalhão central, esculpido com rocalhas e guarnecido por dois anjos.

¹⁰Consultar SANTOS, Matheus Filipe dos; BOHRER, Alex Fernandes. Os retábulos do Estilo Nacional Português em São Bartolomeu. **Revista Imagem Brasileira**, Belo Horizonte, n. 10, p. 208-209, 2020. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistaceib/index.php/imagembrasileira/article/view/376/329>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Ademais, sabemos que o anexo do Santíssimo é uma obra do século XIX, muito posterior à talha que ele hoje abriga.

Ainda na Bacia do Rio das Velhas, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caeté guarda algumas peças do Estilo Nacional Português que merecem destaque. Primeiramente, no corredor lateral direito (lado da epístola) do referido templo, há um retábulo onde a base do mesmo é substituída por um móvel (FIGURA 21). Na metade inferior do corpo do retábulo, há um nicho delimitado por pilastras brancas com frisos dourados, semelhantes a molduras, terminadas em uma cornija também branca com frisos dourados. Delimita o camarim, duas pilastras semelhantes às citadas, dessa vez interrompidas por uma pequena arquitrave dourada e continuadas por um arco pleno com aduela misulada ao centro. O interior do mesmo é liso com policromia branca e motivos florais vermelhos. Logo acima, na metade superior, um painel com volutas lisas entalhadas e douradas, sustenta o medalhão com folhas de acantos (FIGURA 22). Ao lado do nicho estão duas colunas com capitéis coríntios e fuste branco decorado com volteios dourados. O retábulo é delimitado nas laterais por duas pilastras douradas com fustes levemente abaulados e extremidades almofadadas. A estrutura não possui coroamento, sendo arrematada por cimalha com elementos fitomórficos dourados sobre o azul, na parte superior, e na inferior por pintura vermelha e frisos novamente dourados. Conforme o *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados* realizado pelo então SPHAN (1987), o retábulo foi montado com talhas remanescentes de peças anteriores à atual Matriz do Bom Sucesso, datadas do início do século XVIII. O atual estado de conservação deste exemplar é regular, apresentando: sujidades aderidas e superficiais; perda de base de preparação; perda de policromia e douramento; e instabilidade dos blocos.

Figura 21 - Retábulo do corredor ao lado da epístola da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Figura 22 - Detalhe do medalhão do retábulo do corredor ao lado da epístola. Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

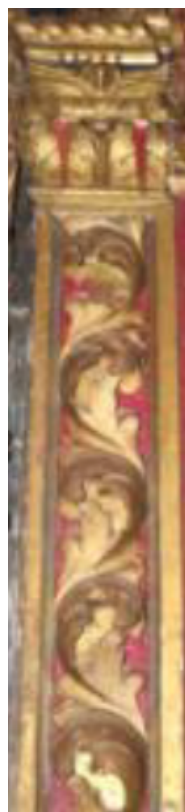
No consistório desta igreja, encontra-se também um oratório (FIGURA 23) com vestígios de folhas de acantos talhadas e douradas sobre fundo vermelho, emoldurando a peça, semelhante às encontradas nas pilastras dos retábulos da Matriz de Sabará e na Capela de Pompéu (FIGURA 24). Trata-se de uma peça retangular lisa, com pintura a têmpera de um sol raiado encimado por nuvens no camarim, nas cores amarelo, marrom e verde, sendo as “molduras” adaptações de talha do princípio do século XVIII (SPHAN, 1987). Atualmente, o oratório encontra-se em estado de conservação ruim, com sujidades aderidas e superficiais; ataque de insetos xilófagos; fragilidade e perda de suporte; e perda de policromia e douramento, como é visto na Figura 25.

Figura 23 - Oratório da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté, em 1941.



Fonte: SPHAN, 1940.

Figura 24 - Folhas de acanto sobre fundo vermelho no retábulo-mor da Capela de Santo Antônio de Pompéu, Sabará.



Fonte: BOHRER, 2015.

Figura 25 - Estado atual do oratório da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

No mesmo compartimento da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, acha-se um trono trifacetado, com parte inferior côncava e superior abaulada, com três querubins (um para cada lado) em meio a nuvens e volutas douradas, semelhantes às encontradas no já citado retábulo do corredor lateral direito (FIGURA, 26). Embora esteja atualmente no consistório, a peça localizava-se no retábulo lateral direito (lado da epístola) de Nossa Senhora do Bom Parto, servindo de suporte para a imagem de Santa Rita de Cássia, sendo um objeto primitivo da primeira metade do século XVIII (SPHAN, 1987). Possivelmente, o trono juntamente com a escultura, é proveniente do antigo Passo de Santa Rita, demolido para dar lugar ao atual cinema da cidade, denominado Edifício Padre Guerino Lasafá, construído em 1964.

Figura 26 - Parte do trono localizado no consistório da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

A fachada do citado Passo apresentava uma porta almofadada de duas folhas com verga alteada, ladeada por ombreiras de pedra e arrematada por sobreverga cornijada também de pedra; frontão ondulado com cimalha e telhas reforçando o movimento; sobre o mesmo está uma cruz latina ladeada por dois elementos piramidais (FIGURA 27). Assim, Lima Júnior (1969, p. 87) reforça a simplicidade e a importância da edificação:

[...] o Paço de Santa Rita, datado de 1789, obra de quase duzentos anos, ligada à história antiga do Município. Era pequeno o Paço, de construção relativamente simples, mas abrigava, num pequenino nicho, a bela Imagem de Santa Rita que os entendidos consideravam verdadeira preciosidade.

Figura 27 - Antigo Passo de Santa Rita, em Caeté, Minas Gerais.



Fonte: CIDADE DE CAETÉ, 1958.

De acordo com SPHAN (1987) procede dessa capela, um conjunto de três talhas do início do século XVIII, sendo a primeira (FIGURA 28) retangular com folhas de acanto e volutas douradas ligadas ao centro, sobre fundo azul e vermelho, em estilo Nacional Português. Já o segundo traste (FIGURA 29), consiste em um painel com:

“[...] montantes pintados em azul, com ramicelos brancos e molduras reentrantes em meia-cana. Almofadas superior e inferior em talha dourada, composta por elementos fitomórficos e frisos com volutas, atados no centro, formando um vazio circular. Fundo vermelho e azul” (SPHAN, 1987, p. 291)

Figura 28 - Fragmento de talha, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: SPHAN, 1987.

Figura 29 - Fragmentos da talha de camarim, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: SPHAN, 1987.

Pela descrição, percebe-se que o referido fragmento apresenta a mesma decoração, volutas e folhas de acanto douradas sobre o fundo azul e vermelho, da já citada peça. Nota-se ainda pelas medidas, 180cm x 21cm x 5,5cm (altura x largura x profundidade), que é um painel proveniente de um retábulo (SPHAN, 1987). E por fim, a última talha (FIGURA 30) também em formato retangular, com volutas partindo do centro circular, terminadas em folhas de acanto e com duas guirlandas de flores, com repintura branca sobre fundo vermelho, descreve SPHAN (1987).

Figura 30 - Fragmento de apainelado com talhas, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: SPHAN, 1987.

Contudo, as três estruturas apresentam a mesma ornamentação, salvo algumas exceções, sendo provavelmente provenientes de retábulos e de acordo com as descrições do *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados*, assemelham-se com os apainelados presentes no camarim do retábulo-mor da Igreja do Ó de Sabará, como mostra a Figura 31. Sobre o possível local de origem destes trastes, até 1958, o Paço de Santa Rita ostentava no seu interior um nicho com colunas e arco liso (FIGURA 32), mantendo o modelo fechado do Nacional. Se originalmente esta construção abrigou um retábulo com talhas do estilo lusitano, as

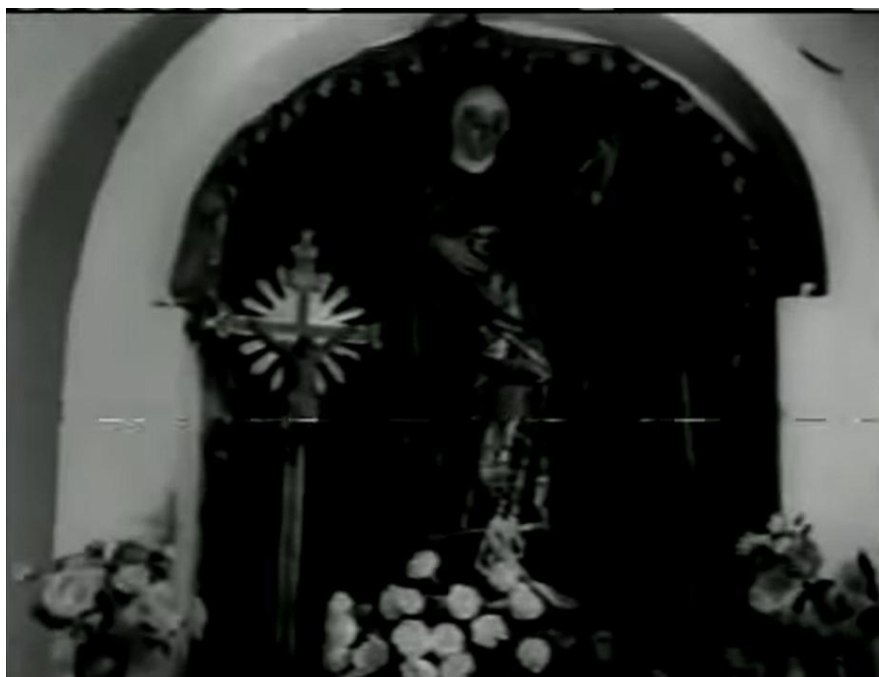
peças foram removidas durante uma reforma, antes mesmo de ser demolido no final da década de 1950.

Figura 31 - Apainelados do camarim do retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Ó, Sabará.



Fonte: BOHRER, 2015.

Figura 32 - Nicho presente no interior do antigo Passo de Santa Rita, Caeté.



Fonte: CIDADE DE CAETÉ, 1958.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso guarda ainda duas colunas torsas, localizadas no Batistério (lado da epístola), que serão abordadas no próximo capítulo.

Entretanto, esta prática de reaproveitamento de retábulos ou partes deles, não se restringe a Minas Gerais e aos séculos XVIII e XIX. Especificamente, no início do século XX, o desmonte, transporte e remontagem dessas estruturas, bem como a construção de novos templos para abrigá-los, foram comuns em todo o Estado de São Paulo (TIRAPELI, 2006). Dessa vez, decisões tomadas pelo próprio Clero, como destaca Percival Tirapeli (2006, p. 284):

Com a República (1889) e a Igreja finalmente totalmente liberta do Estado, padres do norte da Europa chegaram ao Brasil, e trouxeram novas e lastimáveis atitudes quanto às reformas das igrejas e suas ornamentações. A insensibilidade dos religiosos - que a todo custo queriam apagar os traços da cultura luso-brasileira promovendo reformas drásticas ou demolições das igrejas, especialmente no princípio do século XX, no centro da cidade de São Paulo - visava implantar um gosto pseudo-românico.

Estes retábulos são denominados “retábulos peregrinos” pelo autor supracitado (2006, p. 284), já Mateus Rosada (2006, p. 197), prefere o termo

“deslocados” por julgar mais adequado. Dos quais destacam-se os retábulos da antiga Sé paulistana, demolida em 1911, presentes atualmente nas igrejas do Imaculado Coração de Maria de São Paulo e no Santuário de Bom Jesus dos Perdões, e o retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Brasil, originalmente um lateral da atual Catedral de Mogi das Cruzes (ROSADA, 2006).

Além desses retábulos que foram desmontados, transportados e remontados em novas igrejas, alguns conjuntos foram nitidamente reconfigurados ao serem transferidos para novos locais dentro do mesmo templo, como escreve Mateus Rosada:

[...] foi até corriqueira a abertura de arcos comunicando a nave, até então única, aos corredores laterais, transformando-a em nave tripla; em reformas desse tipo, os laterais e colaterais foram, em quase todos os casos, levados para os recém-criados transeptos e naves laterais. Isso ocorreu a igrejas como a Matriz de Atibaia e a Catedral de Guaratinguetá (ROSADA, 2016, p. 200).

Completa Percival Tirapeli:

Parte das igrejas coloniais paulistas foram reformadas e adaptadas para linhas neocoloniais e seus retábulos reinstalados nas capelas laterais, salvando-se alguns exemplares da arte colonial; novos altares de mármore tomaram lugar nas capela-mores (TIRAPELI, 2006, p. 284).

Dessa forma, é perceptível o grande reaproveitamento de trastes ao longo dos séculos. Em Minas Gerais, especialmente entre os séculos XVIII e XIX, movidos pelos novos modismos da época sob a responsabilidade das ordens terceiras, irmandades e arquiconfrarias. Já no Estado de São Paulo a partir do século XX, dessa vez, sob a influência dos padres.

4 CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

4.1 Breve histórico de Caeté, antiga Vila Nova da Rainha

A cidade de Caeté, local onde está inserida a Capela de Nossa Senhora do Rosário, está localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte e segundo o IBGE (2021), sua população estimada em 2021 é de 45.364 habitantes. O fato de ser próxima a capital mineira contribui para que os monumentos e, principalmente, o conjunto urbano não fosse preservado (OLIVEIRA; ALVES, 2018).

O primeiro registro de descobertas refere-se a Lourenço Castanho Taques (capitão-mor da expedição), através de uma carta régia datada de 23 de março de 1664, na qual o louva como um dos descobridores das Minas dos Cataguazes e dos Sertões do Caeté, embora tenha ocorrido entre 1662 e 1663, visto a lentidão das comunicações naquele tempo (IBGE, 1958). Posteriormente, essas terras foram exploradas por Antônio Rodrigues Arzão e pelo seu cunhado Bartolomeu Bueno da Silva, até que em 1701, o bandeirante paulista Leonardo Nardez acompanhado pelos irmãos Guerras e dos Santos, fixou-se no local atraído pela riqueza aurífera da região, assim iniciando a ocupação do lugar denominado Caeté, embora alguns historiadores atribuem o povoamento aos irmãos João e Antônio Leme, auxiliados pelos Guerras (IBGE, 1958). Segundo Arthur Lima Júnior (1969), citando Nelson de Sena, a origem e o significado da palavra Caeté vêm da língua indígena e significa mata virgem ou mato verdadeiro.

Em 1704, o local já estava habitado por paulistas e novos forasteiros, em sua maioria de origem portuguesa, vindos da Bahia pelo rio São Francisco (IBGE, 1958). Consequentemente, aumentava também os conflitos entre esses descobridores de minas, que tiveram seu ápice na Guerra dos Emboabas, iniciada em 1707 nas montanhas e vales que compreendem principalmente o território caeteense, estendendo até 1709 (OLIVEIRA; ALVES, 2018). Sobre o confronto completa Bohrer:

Foi nesses rincões que os paulistas reivindicaram o direito exclusivo de exploração das Minas recém descobertas. Como resultado, ocorreram várias escaramuças entre paulistas e forasteiros (que chegavam constantemente aos territórios auríferos). A desorganização inicial e o aparelho administrativo frágil contribuíram para os levantes armados da

chamada Guerra dos Emboabas. Esses atritos [...] se desenrolaram em grande parte na Bacia do Rio das Velhas, em especial em Sabará e Cachoeira do Campo. [...] A sequela do conflito foi o afastamento dos paulistas e a criação de um projeto político novo, em parte baseado na nova estrutura empregada pelos emboabas (alcunha pela qual os forasteiros se tornaram conhecidos) (BOHRER, 2015, p. 244).

Após o fim do conflito e em resposta ao memo, a coroa portuguesa criou em 1717 a capitania de São Paulo e Minas, separada da capitania do Rio de Janeiro, a fim de estabelecer um aparelho administrativo forte para assegurar a arrecadação dos quintos e o controle político da região (OLIVEIRA; ALVES, 2018). Dessa forma, em 29 de janeiro de 1714, o arraial de Caeté foi elevado à condição de vila por Dom Braz Baltazar da Silveira, com a denominação de Vila Nova da Rainha e em 14 de fevereiro do mesmo ano, foi solenemente instalada pelo ouvidor Luiz Botelho de Queiroz, segundo o IBGE (1958). Assim, foi instalada no mesmo sítio da primitiva Igreja Matriz de São Caetano, a Casa de Câmara e o Pelourinho do Poder (OLIVEIRA; ALVES, 2018). Desse ponto, a vila desenvolveu-se “morro abaixo, até a Capela de Nossa Senhora do Rosário, e morro acima, no caminho que ia dar em Morro Vermelho”, afirma Myriam Oliveira e Célio Alves (2018, p. 24). Em suas viagens pelo Brasil entre os anos de 1816 a 1822, o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire descreveu a então vila:

A cidade de Caeté [...] está construída à margem de um regato, sobre a encosta de uma colina; é mais comprida do que larga; suas ruas são amplas e calçadas e, se na maioria as casas são de um andar apenas, ao menos vê-se que foram bem construídas. Esta cidade devia ser muito agradável no tempo em que era próspera [...] (SAINT-HILAIRE, 1941, p. 110).

Conforme o IBGE (1958), em 1715 a população do Morro Vermelho e da Vila rebelaram-se contra a cobrança do quinto de ouro, mas o “levante do Morro Vermelho” foi reprimido e logo, a vila passou por um esgotamento aurífero, tornando-se um lugar estagnado, como reforça Saint-Hilaire :

Esta cidade devia ser muito agradável no tempo em que era próspera; mas teve a mesma sorte que tantas outras, que deviam suas origens à presença do ouro; suas minas esgotaram-se e a cidade foi abandonada. Vê-se aí um grande número de casas belas atualmente desertas e caindo em ruínas. Sua população atual não vai além de 300 ou 400 almas (SAINT-HILAIRE, 1941, p. 110)

Em 1833, teve os seus foros de vila suprimidos em decorrência de sua participação na revolta militar do mesmo ano, os quais foram restaurados em 1840, não mais com o nome de Vila Nova da Rainha, mas com o de Caeté (IBGE, 1958). Pela Lei Provincial nº 1258 de 25 de novembro de 1865, a vila foi elevada à categoria de cidade, conservando o mesmo nome, conforme o IBGE (1958).

A cidade ressurgiu economicamente a partir de 1894, com a criação da Cerâmica Nacional, posteriormente denominada Fábrica de Cerâmica Dr. João Pinheiro (LIMA JÚNIOR, 1969). Logo, o município abrigou a estação ferroviária Visconde de Caeté, inaugurada em 1909, como parte da Estrada de Ferro Central do Brasil pelo Ramal Santa Bárbara, permanecendo ativa até 1992 (ESTAÇÕES, 2019). Mas o apogeu da economia local aconteceu a partir de 1925, com a instalação da Companhia José da Silva Brandão & Cia, fundada pelo engenheiro de mesmo nome, que deu à indústria o nome de “Usina Gorceix”, mais tarde chamada Companhia Ferro Brasileiro, como ficou conhecida (RIBEIRO, 2018). Em 1995 a Companhia encerrou as suas atividades na cidade, causando uma onda de aposentadoria e demissões, aponta Ribeiro (2018).

Com a industrialização, a população concentrou-se em dois núcleos: o histórico, tradicional e colonial, e os bairros mais novos, especialmente o antigo Mundéus, hoje nomeado José Brandão (RIBEIRO, 2018). Embora afastado, o centro histórico passou por transformações em decorrência do progresso econômico da região, resultando na demolição de construções de valor patrimonial para dar lugar a edifícios mais novos, ressalta Ribeiro (2018). Sobre esse fato, Lima Júnior aponta:

[...] quantos solares e prédios de construções imponentes, capelas, paços históricos, belíssimas construções da época da fundação da Vila, ricamente ornamentadas, foram destruídas para, em seu lugar, erguerem construções modernas! (LIMA JÚNIOR, 1969, p. 85).

O autor ainda completa:

Presenciei, quando criança, a demolição do prédio da antiga Cadeia, onde hoje se encontra edificado o Grupo Escolar “Dr. João Pinheiro”, que era um autêntico monumento de arquitetura antiga, contra a qual sempre me manifestei (LIMA JÚNIOR, 1969, p. 85).

Atualmente, Caeté é considerada uma cidade dormitório, onde boa parcela dos moradores trabalham em outros municípios da região metropolitana, especificamente Belo Horizonte. Sendo o comércio e a mineração as principais fontes geradoras de renda para o município.

4.2 Aspectos históricos, arquitetônicos e artísticos

Segundo a tradição oral, a Capela de Nossa Senhora do Rosário foi inicialmente construída pelo Frei Simão Santa Tereza, um dos primeiros e ilustres moradores do povoado de Caeté, em 1704 (SPHAN, 1987). Sendo anterior a primitiva Igreja Matriz de São Caetano, edificada em 1714, relata Myriam Oliveira e Célio Alves (2018).

A referida capela está localizada no alto da colina na rua do Bonfim, na parte baixa do centro histórico da cidade. É precedida por uma escadaria que afunila-se em direção ao topo, onde está localizado um Cruzeiro ou Cruz dos Martírios. O local é delimitado por um muro de alvenaria de tijolos de adobe, pintado de branco e com dois portões de ferro fundido pintados de azul. O portão principal dá acesso ao adro que conduz a fachada frontal do templo (FIGURA 33). A mesma apresenta porta de almofadas com duas folhas, verga alteada, ladeada por ombreiras de pedra e arrematada por sobreverga cornijada alteada. Logo acima, o rosário, símbolo da irmandade proprietária, é ladeado por dois elementos em “C” e encimado por uma cruz latina sobreposta à uma concha. A portada é ladeada por duas janelas de duas folhas, almofadadas, de vergas alteadas, ladeadas por ombreiras de pedra e encimadas por sobrevergas cornijadas alteadas (FIGURA 34). A cimalha de pedra limita o frontão do restante da fachada. O referido frontão é ondulado, abrigando um óculo redondo, encimado por uma cruz latina e ladeado por duas torres sineiras (embora sem os sinos) de pedra com vergas cornijadas em arco pleno, sustentando coruchéus ou pináculos estilizantes. O sino está localizado na fachada lateral esquerda (lado do evangelho) na altura do coro em uma sineira de

madeira de ombreiras e verga reta. Ao redor da capela está o cemitério mais antigo da cidade.

Figura 33 - Fachada frontal da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Figura 34 - Detalhe da portada da Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Dessa forma, a Capela do Rosário assemelha-se com a fachada de outras capelas mineiras, sendo a Capela de Nossa Senhora da Piedade (FIGURA 35) e a Capela do Bom Jesus das Flores (FIGURA 36), edificadas em meados do

século XVIII, ambas em Ouro Preto, antiga Vila Rica (LEMOS, 2016). Entretanto, a Capela do Rosário de Caeté adquiriu a conformação atual após ser reconstruída em alvenaria de pedra, por volta de 1787 (OLIVEIRA; ALVES, 2018). O IPHAN (1950) ressalta que apenas a nave e, conseqüentemente, a fachada foram reconstruídas, permanecendo a capela-mor, corredores laterais e sacristia transversal ao fundo em taipa com enquadramento dos vãos em madeira, como mostra a Figura 37. Antes disso, o templo possivelmente apresentava as mesmas características das primeiras capelas edificadas em Minas Gerais, com frontispício triangular simples, duas janelas ou sacadas de verga reta, porta única e sacristia lateral. Dessa tipologia, identifica-se a Capela de Nossa Senhora do Rosário (FIGURA 38), no distrito de Morro Vermelho, e a Capela de Santo Antônio de Pompéu (FIGURA 39), na cidade vizinha de Sabará.

Figura 35 - Capela de Nossa Senhora da Piedade, Ouro Preto.



Fonte: Projeto “O Estilo Nacional Português em Minas Gerais” (PIBIC/IFMG-OP).

Figura 36 - Capela do Bom Jesus das Flores, Ouro Preto.



Fonte: Projeto “O Estilo Nacional Português em Minas Gerais” (PIBIC/IFMG-OP).

Figura 37 - Fachada lateral direita, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Figura 38 - Capela de Nossa Senhora do Rosário no distrito de Morro Vermelho, Caeté.



Fonte: <https://centenario.arquidiocesebh.org.br/timeline/1969/>.

Figura 39 - Capela de Santo Antônio de Pompéu, Sabará.



Fonte: <https://www.facebook.com/sabaraminasgeraisbrasil/photos/pcb.2152849324978762/2152849281645433/>.

Internamente, além dos três retábulos que serão aprofundados posteriormente, os forros da capela-mor e da nave, ambos do período Rococó

(OLIVEIRA; ALVES, 2018), compõem o acervo de bens artísticos e integrados da Capela do Rosário. O primeiro em abóbada de berço tem ao centro a reprodução da Assunção de Nossa Senhora, representada sobre nuvens, com os braços e olhar voltados para o alto, ladeada por dois anjos e um querubim. A cena é emoldurada por movimentadas rocalhas em tons azul e vermelho, e por elementos florais. Quatro colunas com capitéis coríntios, fuste e base estriadas, fazem a ligação com o muro-parapeito das laterais através das mísulas, atrás do qual estão os santos Doutores da Igreja: Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio e São Gregório, mostra a Figura 40.

Figura 40 - Pintura do forro da capela-mor, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Já a pintura do forro da nave em abóbada facetada (FIGURA 41), difere das frequentes representações de Nossa Senhora do Rosário. Nela a Virgem Maria aparece em pé, sobre nuvens, com os braços e olhar voltados para baixo. Dois anjos suspendem o manto que envolve três figuras masculinas ajoelhadas à esquerda e

três figuras femininas ajoelhadas à direita. Todos estão envoltos por uma nuvem circular, habitada por anjos e querubins. A referida cena é envolvida por um rosário também circular e por molduras de rocalhas nas cores azul e vermelho. Oito pilastras misuladas ou quartelões unem o medalhão ao muro-parapeito sinuoso, que corre ao longo das paredes laterais do templo, com varandas nos eixos transversais. Em cada extremidade estão os santos dominicanos: São Vicente Ferrer, São Tomás de Aquino, São Pio V e São Benedito XIII. De acordo com Myriam Oliveira e Célio Alves (2018), a imagem representada no medalhão trata-se de Nossa Senhora Mãe dos Homens, visto que a cena é envolvida artificialmente por um rosário executado posteriormente. Segundo os autores supracitados, uma adequação à iconografia de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da capela.

Figura 41 - Pintura do forro da nave, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2346615-d6436805-i93940631-Capela_Cemiterio_De_Nossa_Senhora_Do_Rosario-Caete_State_of_Minas_Gerais.html.

Constituiu ainda o acervo de bens artísticos e integrados da igreja, as pinturas do forro localizado abaixo do coro, representando São João Batista e o Batismo de Jesus Cristo, datadas do final do século XVIII. E o lavabo da sacristia, possivelmente do início do século XVIII (SPHAN, 1987).

Sabe-se que a Capela do Rosário de Caeté, entre os anos de 1757 a 1765, serviu de matriz enquanto a atual Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso estava em construção, sediando as demais irmandades.

A citada Matriz do Bom Sucesso (FIGURA 42) teve início a partir do ano de 1752, “quando foram lançadas as condições elementares dos serviços que se

pretendia executar” (PEDROSA, 2021, p. 251). Dessa forma, a autoria do risco é atribuída a Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho, sendo as obras contratadas com os mestres pedreiros portugueses Domingos Rodrigues Torres e Antônio da Silva Bracarena (OLIVEIRA; ALVES, 2018). Assim, em 1756 começou a edificação do templo, visto que nessa data, o mesmo mestre Antônio da Silva arrematou o direito de executar as obras da capela-mor (PEDROSA, 2021). E em 1757, a sacristia e os corredores laterais à capela-mor (OLIVEIRA; ALVES, 2018). No mesmo ano, foi concluída também a fachada da igreja, como é certificado na inscrição latina da mesma: “*Ecce augusta domus Rex Jose nomine primus et Henricus cum fecit opus pro cajetano templum et pro Virgine surgit pro titulo evantum conferat bonum anno dni MDCCLVII*” (OLIVEIRA; ALVES, 2018). Traduzindo para o português significa: Eis a augusta casa. O rei José com o nome de primeiro. Henrique, também primeiro, fez a obra com o rebanho. Surge o templo para Caetano e a Virgem. Tendo ido ao título seja conferido à pessoa o bem. Ano do Senhor 1757 (OLIVEIRA, 2021).

Figura 42 - Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: <http://wikimapia.org/8193492/pt/Igreja-Matriz-de-Nossa-Senhora-do-Bom-Sucesso>.

Segundo SPHAN (1987), o referido templo foi construído em substituição à antiga Igreja Matriz de São Caetano. Esta foi edificada em 1714, quando o arraial foi elevado à condição de vila, afirma Myriam Oliveira e Célio Alves (2018). Observando o partido das primeiras matrizes mineiras do mesmo período e da mesma bacia hidrográfica, possivelmente a primitiva matriz de Caeté, possuía planta retangular composta por nave, capela-mor, sacristia e corredores laterais à capela-mor; frontão triangular simples vazado por óculo; sem ornamentação decorativa ou movimentação, e com torres em telhadinho. Assim como a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará (FIGURA 43) e a Matriz de São Bartolomeu, no distrito de mesmo nome, pertencente a Ouro Preto (FIGURA 44). O mesmo pode ser notado em relação a decoração interna, provavelmente contemplada com exemplares do Estilo Nacional Português, o que justifica a presença dos trastes no corredor lateral direito à capela-mor da atual matriz.

Figura 43 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.



Fonte: <http://www.amareloouro.com/fornecedores/igreja-matriz-nossa-senhora-conceicao-interior-de-minas-gerais/>

Figura 44 - Matriz de São Bartolomeu, distrito de Ouro Preto.



Fonte: Foto do autor.

Quanto ao motivo da substituição do antigo templo, a tradição oral relata uma promessa feita pelo então vigário da antiga Vila Nova da Rainha, padre Henrique Pereira, a Nossa Senhora do Bom Sucesso. Segundo Oliveira (2021), o relato original denominado *O templo da Vila de Caeté* perdeu-se, mas uma versão foi publicada no Jornal *Progressista* de Sabará e depois no *Correio Oficial de Minas*, em 27 de janeiro de 1859. Arthur Lima Júnior (1969) afirma que são várias as versões publicadas. Segundo o autor supracitado (1969), a mais aceitável está publicada no livro *O Pioneiro da Serra da Piedade*, onde se lê:

Segundo a tradição, erigiu êsse majestoso templo o virtuoso Padre Dr. Henrique Pereira, caluniado por uma jovem de ter querido forçá-la ao pecado, por ocasião da confissão. Foi êle remetido a Portugal, a fim de ser julgado pelo Tribunal do Santo Ofício, e, resignado, mas querendo provar sua inocência, fêz um voto a Nossa Senhora do Bom Sucesso, de dedicar-lhe um rico templo, se fôsse desmascarada a calúnia e proclamada sua inocência. Sua dor e suas pressões foram ouvidas, pois enfermou, gravemente, a infeliz môça que o acusara para defender a si e ao jovem culpado e confessou, diante das autoridades civis e religiosas do lugar, a hediondez de sua calúnia e inocência do Padre. Foi remetido a Portugal o Termo da solene declaração (LIMA JÚNIOR, 1969, p. 58).

4.3. Análise morfológica dos retábulos.

Nesta análise morfológica do conjunto retabulístico da Capela de Nossa Senhora do Rosário, será feita a descrição formal dos retábulos, citando em algumas regiões dois métodos iconográficos. Primeiramente, o do historiador de arte Erwin Panofsky (1892-1968) que é dividido em três níveis: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica.

Segundo Panofsky (1979), a descrição pré-iconográfica consiste na identificação das formas primárias ou naturais, subdividido em fatural ou expressional, ou seja, a descrição de linha e cor; de pedaços de bronze ou pedra, de forma peculiar; de objetos naturais, como seres humanos, animais ou plantas; de casas ou ferramentas; e da expressão dos personagens ou do ambiente. Por sua vez, na análise iconográfica, propriamente dita, os motivos artísticos e as combinações dos mesmos (composições), são ligados com assuntos e conceitos (PANOFSKY, 1979). E por fim, a interpretação iconológica compreende a determinação de princípios que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica condensados em uma obra, afirma Panofsky, 1979.

Já o segundo, é o método indiciário do historiador Carlo Ginzburg, que consiste na observação de indícios, pequenos detalhes que ajudam a compreender a obra como um todo (GINZBURG, 1989).

A análise morfológica, bem como a aplicação dos referidos métodos, obedecerá a estrutura dos retábulos, divididos em base, corpo e coroamento. Como é esclarecido por Raphael Fabrino (2012):

A base fica por trás da mesa do altar e sustenta o corpo onde estão inseridas as pilastras e colunas que ladeiam o camarim, podendo também conter nichos laterais para colocação de outras imagens. O coroamento é a parte estrutural que confere dignidade ao retábulo, por isso concentra a ênfase ornamental da estrutura (FABRINO, 2012, p.13).

4.3.1 Retábulo-mor de Nossa Senhora do Rosário

Figura 45 - Retábulo-mor da Capela de Nossa Senhora do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

A base do retábulo-mor (FIGURA 45) da Capela de Nossa Senhora do Rosário contém um altar reto e liso; banquetta reta com frisos emoldurados, ornamentos em “C” e pequena tarja ao centro; sobre a banquetta estão quatro mísulas terminadas em volutas e o sacrário. O sacrário é convexo apresentando quatro pequenas colunas torsas decoradas com folhas de parreiras e cachos trinos de uva, e com capitéis compósitos; intercolúnio de talha vazada com folhas de acanto, fênix e concha (FIGURA 46); na porta aparece um cordeiro com estandarte sobre o livro de setes selos (símbolo de Jesus Cristo), em meio a nuvens estilizadas e abaixo de três querubins; duas fênix (uma de cada lado) ladeiam na parte superior a abertura, que é contornada por acantos e volteios; arrematada por uma cúpula de base côncava com volutas, seguindo o formato do sacrário. A peça é toda dourada.

Figura 46 - Detalhe do intercolúnio do sacrário, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Figura 47 - Detalhe da talha vazada do retábulo-mor da Matriz de Cachoeira do Campo, Ouro Preto.



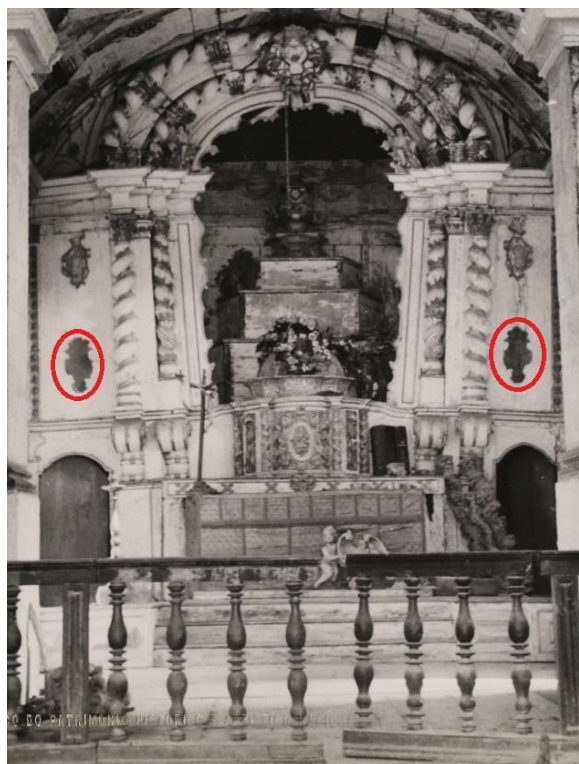
Fonte: BOHRER, 2015.

Assim, as quatro pequenas colunas são semelhantes às colunas dos retábulos laterais da mesma capela, salvo pela ausência das fênix, provavelmente

pela menor proporção da peça. Entretanto, como descrito, as aves aparecem na parte frontal do sacrário, sendo similar às presentes nas colunas do retábulo lateral esquerdo (lado do evangelho). Por sua vez, a talha vazada do intercolúnio é algo raro em Minas Gerais, encontrada também no retábulo-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (FIGURA 47), afirma Bohrer (2015). O citado autor (2015) esclarece que este artifício é comum em Portugal, como os bordados da Igreja de Nossa Senhora ao Pé da Cruz, em Beja. Já as volutas e volteios dourados da parte superior do sacrário, são similares aos mesmos entalhes do camarim dos dois retábulos laterais da Capela do Rosário.

Seguindo a análise, passando agora para o corpo do retábulo-mor. As quatro mísulas sustentam quatros colunas, sendo elas: duas brancas, torsas, lisas, com sulcos dourados e capitéis compósitos; e duas colunas douradas, torsas, com guirlanda de flores nos sulcos, base estriada e capitéis compósitos. Nos dois lados, há uma pilastra lisa com capitel compósito entre as duas colunas. As referidas colunas e pilastras são interrompidas pelo entablamento em cimalha moldurada, escalonada e lisa, sem nenhuma pintura artística ou entalhe. O retábulo é delimitado nas laterais por tábuas lisas com rocalhas e por duas pilastras douradas com fustes moldurados e ornamentos florais, arrematada por capitéis de ordem compósita. A renda da tribuna é recortada em curvas e contra-curvas douradas, que expõem o trono com três degraus retos, terminados em uma peanha entalhada com motivos fitomórficos e com um querubim frontal. O fundo do camarim é liso, sem pinturas decorativas.

Figura 48 - Marcas das rocalhas presentes no retábulo-mor da Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: SPHAN, 1940.

Dessa forma, as duas colunas totalmente douradas próximas à tribuna são quase-salomônicas, características do estilo joanino (PEDROSA, 2016). Observa-se que essas colunas são pequenas em relação às colunas torsas das extremidades, assim receberam uma base côncava sobreposta a outra base retangular, permitindo que o capitel sustentasse o entablamento. Já as rocalhas inseridas nas tábuas laterais do retábulo, são características do estilo Rococó (BOHRER, 2015). Inclusive, no acervo fotográfico da Capela do Rosário, feito pelo SPHAN em 1940, consta a marca de duas rocalhas inseridas na parte inferior, que provavelmente perderam-se (FIGURA 48). Por sua vez, o entablamento atualmente liso, possivelmente era policromado, a julgar pela cimalha que parte da referida peça e delimita o forro (FIGURA 49), decorada com folhas de acanto douradas sobre fundo negro e denticulos que alternam a cor dourada e preto sobre fundo vermelho. Possivelmente, esta região do retábulo repetia o mesmo feito. Tais desenhos repetem-se na talha das arquitraves e das cimalkas dos retábulos laterais da mesma

capela. Também são encontrados na capela-mor e no arco do cruzeiro da Matriz de Cachoeira do Campo, e no arco do cruzeiro e na nave da Capela do Ó de Sabará (FIGURA 50). Por fim, a penha no término do trono é anforado, característico do Estilo Nacional Português.

Figura 49 - Detalhe da cimalha da capela-mor, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Figura 50 - Detalhe da cimalha do arco do cruzeiro e da nave, Capela do Ó, Sabará.



Fonte: <https://centenario.arquidiocesebh.org.br/memoria/capela-de-nossa-senhora-do-o-sabara-tesouro-da-fe-crista-catolica-em-minas-gerais/>.

No coroamento, partem do entablamento dois arcos concêntricos, sendo o primeiro (externo) em prolongamento das colunas torsas e o segundo (próximo ao

rendilhado) uma extensão das pilastras. Apresentam seis aduelas decoradas com folhas de acanto, embora os arcos não sejam presos por elas. Ao centro, está uma tarja com curvas e contra-curvas decoradas com acantos em meio a volutas. Dois frontões interrompidos sobre o entablamento, sustentam dois *putti*, logo acima das colunas de tipologia salomônicas. O limite entre o retábulo e o forro, é feito por uma faixa em arco pleno com pintura marmorizada.

Desse modo, os frontões interrompidos com figuras antropomórficas assentadas, são elementos do estilo Dom João V (PEDROSA, 2016). Já as pinturas marmorizadas em tons azul e vermelho, são características do Rococó (BOHRER, 2015).

É perceptível que o retábulo-mor de Nossa Senhora do Rosário passou por modificações para se adaptar às proporções do templo e para introduzir os elementos característicos dos estilos vigentes da época. A começar pela inserção de tábuas lisas nas laterais da estrutura, a fim de preencher os espaços vazios deixados pela talha. Além das distorções das aduelas, que deveriam unir os dois arcos concêntricos, mas por motivos estruturais, não desempenham este papel. Possivelmente, essas adaptações ocorreram em 1787, quando segundo Myriam Oliveira e Célio Alves (2018), a Capela do Rosário adquiriu a conformação atual após ser reconstruída em alvenaria de pedra. Embora o IPHAN (1950) afirma que, apenas a nave e conseqüentemente a fachada foram reconstruídas, permanecendo originais a capela-mor, corredores laterais e sacristia transversal. Mateus Rosada (2016) completa:

Um dos resultados mais comuns nos casos de altares trazidos de uma igreja para a outra foi a instalação em um capela-mor de outras dimensões. Quando vindos [...] de capelas menores que as originais, os conjuntos geralmente perderam partes ou todo o coroamento para poderem se encaixar no novo ambiente (ROSADA, 2016, p. 199).

Quanto aos modismos da época, o retábulo recebeu primeiramente as colunas do tipo salomônica, juntamente com os frontões interrompidos com *puttis* assentados, supostamente entre 1730 e 1750, período de ocorrência do estilo joanino em Minas Gerais (PEDROSA, 2016). Posteriormente, aproximadamente, a

partir de 1760, as rocalhas e as pinturas marmorizadas na faixa do coroamento, ano que Rococó foi inserido na região mineira (OLIVEIRA, 2003¹¹ *apud* FERREIRA, 2018). Sobre a diversidade de estilos em um mesmo retábulo, Rosada (2016) escreve:

Também foi comum a montagem de um novo altar com peças provenientes de dois ou mais conjuntos retabulares, resultando em composições inusuais e criativas, mas com elementos de linguagens diferentes e muitas vezes contrastantes entre si [...] (ROSADA, 2016, p. 199).

¹¹ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. **O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

4.3.2 Retábulo ao lado do evangelho

Figura 51 - Retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

A base do retábulo lateral esquerdo (lado do evangelho) (FIGURA 51) possui mesa retangular com folhas de acanto estilizadas sobre fundo vermelho e cartela ao centro, ladeada por elementos em “S”. Banqueta também reta com folhas de acanto estilizadas sobre fundo vermelho; cartelas nas extremidades e ao centro, envoltas em folhas de acanto. Soco esquerdo do retábulo (cantoneiras) composto por dois painéis incompletos ao lado do altar e por faixa na região da banquetta, com entalhes dourados de volutas e volteios. Já o soco direito, é composto por um painel

abaulado com cartela oval vermelha ao centro, envolta por volutas douradas, arrematado por outra faixa com o mesmo formato e entalhe.

Nota-se que os dois painéis inferiores do soco esquerdo (FIGURA 52), não completam a talha que os mesmos possuem. Inclusive, há uma espécie de moldura ao centro que delimita os apainelados. Além disso, o douramento, a policromia e principalmente a talha dos socos, diferem da mesa do altar e da banqueta. O entalhe dos socos é semelhante aos encontrados no corpo do mesmo retábulo. Possivelmente, a mesa e a banqueta são fragmentos do Estilo Nacional Português provenientes de outro retábulo.

Figura 52 - Detalhe dos socos do retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

O corpo do retábulo é composto por quatro mísulas com mascarões, onde repousam quatro fênix. Das mísulas partem quatro colunas decoradas com folhas de parreiras, cachos trinos de uva e por uma fênix que bica um dos cachos, terminadas em capitel compósito. As colunas sustentam o entablamento com querubins na arquitrave e, folhas de acantos e dentículos, semelhantes às pinturas da cimalha da capela-mor, como já foi mencionado. Mas dessa vez entalhados e com douramento. A tribuna do trono é guarnecida por rendilhados formando uma guirlanda de flores. O trono é anforado com volutas nas arestas, medalhões nas faces laterais e florões nas faces do degrau superior. O camarim é revestido em baixo relevo com volutas e

volteios. Logo abaixo, um nicho com pilastras misuladas terminadas em cabeças de cariátides, arrematado por um arco ondulado com plumagens e ladeado por dois anjos, ocupa o lugar do sacrário. O interior do nicho é decorado por motivos florais sobre fundo branco.

Desse modo, a decoração das colunas remete ao mesmo escultor do retábulo-mor e dos laterais encontradas na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, em Ouro Preto. Que por sua vez, também são similares às duas colunas encontradas na Capela do Batismo da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (FIGURA 53). Segundo o *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados* elaborado pelo SPHAN em 1987, as referidas colunas pertencem ao acervo da Capela de Nossa Senhora do Rosário. Talvez as estruturas foram suprimidas do retábulo para ocupar a nova nave da capela, ou pertenceram ao mesmo conjunto retabulístico. Além disso, policromia interna do nicho, reforma mais uma vez a tentativa da irmandade proprietária em adequar a estrutura ao estilo em voga, neste caso o Rococó.

Figura 53 - Colunas presentes na Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Do entablamento partem dois arcos concêntricos com a mesma ornamentação das colunas, presos por duas aduelas com folhas de acanto. No eixo dos arcos, uma tarja delimitada por folhas de acanto estilizadas e arrematada por uma concha, expõe a inscrição em latim: “PULC RA, UTL UNA” (FIGURA 54). Concluindo toda a estrutura, duas pilastras terminadas em volutas sustentam uma cimalha emoldurada e lisa, onde ao centro está outra tarja, dessa vez com rocalhas e elementos em curvas e contra-curvas, exibindo ao centro uma pequena flor vermelha. Logo acima, uma sanefa ondulada com ornamentos curvos na parte de baixo e, cartelas ao centro e nas extremidades da parte superior, mais uma vez ornada com rocalhas.

Figura 54 - Tarja com inscrição em latim no retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Destaca-se no coroamento a inscrição em latim, que traduzindo para o português significa: “Pura como a lua” ou “Bela como a lua”. Trata-se de um trecho retirado da Bíblia, Livro dos Cânticos 6:10, onde lê-se: “Quem é essa que aparece como o alvorecer, bela como a lua, brilhante como o sol, admirável como um exército e suas batalhas?” (BÍBLIA, 1974, p. 637). Este versículo refere-se à Virgem Maria. Desse modo, originalmente o retábulo era ocupado por uma escultura de Nossa Senhora, sendo a antiga proprietária do mesmo uma irmandade mariana. Diferente dos dias atuais, onde é habitado pelos santos negros, ora São Benedito, ora Santa Efigênia. Seria o retábulo lateral esquerdo o antigo mor da capela? Provavelmente não, já que a estrutura não apresenta um sacrário para a guarda das hóstias consagradas. Como foi descrito, no local há um nicho que é original, visto que as cariátides (FIGURA 55) pertencem à mesma oficina que trabalhou em outros templos com a talha do Estilo Nacional Português, como: a Matriz de Cachoeira do Campo (FIGURA 56), a Igreja do Ó, a Capela de Santo Antônio de Pompéu e a Matriz da Conceição, sendo as três últimas em Sabará (BOHRER, 2015). Já a sanefa do período Rococó, além de modernizar o retábulo, cumpre a função de

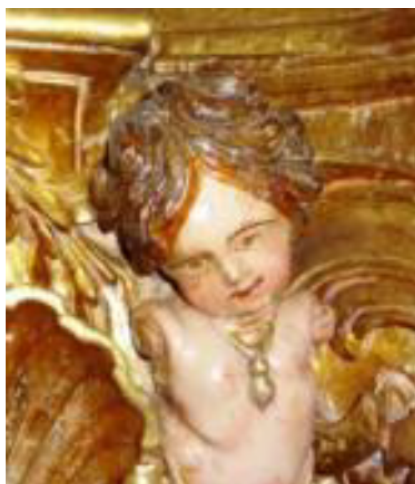
ocupar os espaços em brancos deixados após a reforma da nave em 1787, como ressalta Myriam Oliveira e Célio Alves (2018, p. 197): “É possível que nesse momento tenha recebido os dois retábulos laterais de estilo Barroco [...] que não tem adequação perfeita ao seu espaço interno.”

Figura 55 - Cariátides presentes no retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Figura 56 - Cabeça de cariátide, retábulo de Santo Antônio, Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, Cachoeira do Campo.



Fonte: BOHRER, 2015.

4.3.3 Retábulo ao lado da epístola

Figura 57 - Retábulo ao lado da epístola, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

O retábulo lateral direito (lado da epístola) (FIGURA 57) segue o mesmo projeto do retábulo oposto, salvo a qualidade da talha e algumas particularidades. A base possui mesa retangular com folhas de acanto estilizadas sobre fundo vermelho e cartela ao centro, ladeada por elementos em “S”. Banqueta também reta com folhas de acanto estilizadas sobre fundo vermelho; cartelas nas extremidades e ao centro, envoltas em folhas de acanto. Soco esquerdo do retábulo (cantoneiras) composto por dois painéis emoldurados com talha dourada e por faixa na região da

banqueta, com entalhes dourados de volutas e volteios. Já o soco direito, é composto por dois painéis incompletos com douradas em sentidos opostos separados por uma larga faixa dourada lisa, arrematado por outra faixa com folhas de acanto estilizadas.

Da mesma forma dos painéis do retábulo lateral esquerdo (lado do evangelho), percebe-se que os inferiores do soco direito, não completam a talha que os mesmos possuem (FIGURA 58). Visto que as volutas são separadas por uma faixa lisa ao centro que delimita os apainelados. Aliás, o entalhe do painel do direito é semelhante ao baixo relevo presente no fundo dos camarins dos dois retábulos laterais e também no sacrário. O que permite aventar que pertencem ao mesmo conjunto de retábulos. Já os painéis do soco esquerdo, foram inseridos harmoniosamente. Além disso, o douramento, a policromia e a talha dos socos são diferentes da mesa do altar e da banqueta. Sobre isso, Bohrer (2015, p. 332) completa: “A julgar pela largura da moldura da mesa do altar, essas estruturas eram bem maiores, talvez com mais um par de colunas externas. Esse conjunto deve ter sido muito modificado e remontado [...]”.

Figura 58 - Detalhe do soco do retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Assim, tanto o retábulo ao lado do evangelho, quanto o ao lado da epístola possuem talhas do Estilo Nacional Português de conjuntos ou momentos distintos. O primeiro conjunto formado pelos painéis do socos e pelo corpo e coroamento do referidos retábulos. Integra esse primeiro conjunto, o sacrário presente no retábulo-mor. Já o segundo pelas mesas e banquetas dos dois exemplares.

Seguindo a análise morfológica, o corpo do retábulo é composto por quatro mísulas com mascarões, onde repousam quatro fênix. Das mísulas partem quatro colunas decoradas com folhas de parreiras, cachos trinos de uva e, por uma fênix com policromia verde e vermelho que bica um dos cachos, terminadas em capitel compósito. As colunas sustentam o entablamento com querubins na arquitrave e, folhas de acantos e dentículos entalhados e com douramento. A tribuna do trono é guarnecida por rendilhados formando uma guirlanda de flores. O trono é anforado com volutas nas arestas, medalhões nas faces laterais e florões nas faces do degrau superior. O camarim é revestido em baixo relevo com volutas e volteios. Logo abaixo, um nicho com pilastras misuladas terminadas em figuras antropomórficas com braços em voluta e pingentes no pescoço (FIGURA 59); arrematado por um arco ondulado com plumagens e ladeado por dois anjos, ocupando o lugar do sacrário. O interior do nicho é decorado por motivos florais sobre fundo branco, onde no canto inferior direito, há um recorte que exhibe uma pintura com fundo vermelho e flores douradas.

Figura 59 - Cariátides do retábulo ao lado da epístola, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Figura 60 - Cariátide do retábulo ao lado do evangelho, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Assim como as cariátides do retábulo lateral esquerdo (lado do evangelho), a mesma ornamentação no nicho do lateral direito, pertencem a já referenciada oficina que atuou na Matriz de Cachoeira do Campo e em outros templos da região. Diferem-se entre si pelo corpo: retábulo esquerdo substituído por quartelões (FIGURA 60) e no direito pelos braços em volutas e pingentes no pescoço. Por sua vez, a pintura branca com motivos florais do nicho, cobre a policromia original do mesmo, exposta através da janela de prospecção, como mostra a Figura 61; Este tipo de pintura é característica do estilo português, frequentemente encontrada na Igreja do Ó e na Matriz da Conceição, em Sabará.

Figura 61 - Janela de prospecção no interior do nicho do retábulo ao lado da epístola, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Figura 62 - Fragmentos de tábuas policromadas, Capela do Rosário, Caeté.



Fonte: MEMORIAL, 2016.

Curiosamente, integram o acervo de bens móveis da Capela do Rosário de Caeté, um conjunto de tábuas com pinturas florais, folhas de acanto e aves. Em uma peça, há uma policromia semelhante à original encontrada no fundo do nicho, com o mesmo aspecto, embora seja mais simples: flores douradas sobre fundo vermelho (FIGURA 62). Seria o camarim do retábulo-mor decorado com esse tipo de pintura? Para tal conclusão, é necessário a realização de diversos exames e testes nas tábuas da estrutura, a fim de identificar a existência desse tipo de policromia, visto que aparentemente, o retábulo está repintado de branco. Outra curiosidade é o retábulo lateral esquerdo de Nossa Senhora da Conceição da Matriz do Bom Sucesso, que apresenta também um nicho ocupando o lugar do sacrário (FIGURA

63) e com a mesma decoração interna: fundo branco com motivos florais, como na Figura 64.

Figura 63 - Nicho do retábulo ao lado do evangelho, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Figura 64 - Detalhe do nicho do retábulo ao lado do evangelho, Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté.



Fonte: Foto do autor.

Prosseguindo, o entablamento sustenta dois arcos concêntricos com a mesma ornamentação das colunas, presos por duas aduelas com folhas de acanto. No eixo dos arcos, há uma tarja delimitada por folhas de acanto estilizadas e arrematada por uma concha, diferente do outro retábulo, sem inscrição, apenas o fundo vermelho. Arrematando toda a estrutura, duas pilastras terminadas em volutas sustentam uma cimalha emoldurada e lisa, onde ao centro está outra tarja com rocalhas e, elementos em curvas e contra-curvas, exibindo ao centro um buquê de flores. Logo acima, uma sanefa ondulada com ornamentos curvos na parte de baixo e, cartelas com rocalhas ao centro e nas extremidades da parte superior conclui a estrutura.

Assim como o retábulo-mor, os retábulos laterais passaram por diversas modificações. Neste caso, destacam-se a inserção de um novo coroamento com características Rococó, a fim de adaptar a antiga estrutura às novas proporções do templo. Além de introduzir os elementos característicos desse estilo, através da sanefa e das pinturas dos nichos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poucos são os estudos referentes ao Estilo Nacional Português no Brasil. Em Minas Gerais, as pesquisas realizadas pelo professor Alex Bohrer, são as primeiras iniciativas para reverter este quadro. Já no estado de São Paulo, destaca-se atualmente, os estudos realizados pelo também professor Mateus Rosada sobre exemplares do Nacional em meio a outros estilos, principalmente de peças remanescentes. Por sua vez, a região nordeste carece de trabalhos mais específicos, visto que foram feitas pequenas análises de poucos retábulos do estilo lusitano.

Mais raros ainda, são as pesquisas referentes aos trastes, peças do Estilo Nacional realocadas ou não em novos retábulos. Tais estudos no estado mineiro, também foram iniciados pelo professor Alex Bohrer. Embora o tema apareça nos textos de Percival Tirapeli com a denominação de retábulos peregrinos e novamente nas descrições de Mateus Rosada como retábulos realocados, sendo os dois últimos referentes ao estado paulista. Para entender a fundo como era a comercialização ou troca destas estruturas, é preciso encontrar nos poucos acervos eclesiásticos preservados, sobretudo nos Livros de Despesas das irmandades, algum indício sobre o tema.

Por sua vez, a análise morfológica da talha, embora passível de erro, permite aventar sobre a origem, data e possível autoria dos retábulos. Dessa forma, a metodologia aplicada não permitiu chegar a dados exatos, como foi relatado, é preciso encontrar documentos de fonte primária que comprovam estes fatos.

Assim, os três retábulos da Capela de Nossa Senhora do Rosário são predominantes do Estilo Nacional Português, datáveis do início do século XVIII. O retábulo-mor apresenta elementos arquitetônicos, ornamentais e artísticos de estilos posteriores, sendo eles o Joanino e o Rococó. Incluiu também outras peças a fim de adequar o retábulo em relação às proporções da capela-mor. Nos retábulos laterais acontece o mesmo, destacando a variedade da talha característica do Nacional Português, que permite concluir que pertencem ao mesmo conjunto retabulístico, junto com o sacrário do mor, sendo estes possíveis trastes.

A origem dos retábulos ainda é incerta. Sabe-se da existência da antiga Matriz de São Caetano, demolida para dar lugar a atual Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que abrigava retábulos do Estilo Nacional Português, como sugere a presença dos trastes que compõem o retábulo do corredor lateral direito da atual matriz. Caso os retábulos da Capela do Rosário, principalmente os laterais e o sacrário do mor, sejam trastes, possivelmente vieram da primitiva Igreja Matriz de São Caetano.

Concluindo, o presente estudo contribui para a valorização do patrimônio cultural caeteense, principalmente para os bens edificados e artísticos, já que poucos exemplares sobreviveram aos longos dos anos e muitos ainda precisam de medidas de conservação eficientes, para evitar novas perdas. Como a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que no momento de escrita desse trabalho encontra-se interditada. Ressaltamos ainda a conservação dos trastes, que muitas vezes estão armazenados em locais inapropriados, expostos aos diversos agentes de degradação. A sua conservação é muito importante para que pesquisas como esta sejam possíveis no futuro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Missionários Capuchinhos, Revista e Corrigida. São Paulo: Stampley Publicações Ltda, 1974.

BOHRER, Alex Fernandes. **A talha do estilo nacional português em Minas Gerais**: contexto sociocultural e produção artística. 2015. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BOHRER, Alex Fernandes. Por uma morfologia dos primeiros retábulos mineiros. **Revista Digital Barroco Mineiro**, Belo Horizonte, n. 1, p. 6-23, set. 2021. Disponível em: <https://www.revistabarroco.com.br/rbd-01/>. Acesso em: 26 out. 2021.

BONNET, Marcia. Retábulos do Nacional Português no Reino e no Além-mar: relações entre forma e identidade. In: XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte, 2002. Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre: CBHA, 2002. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2002/textos/texto24.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Introdução ao Barroco Mineiro**: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O mecenato dos leigos: cultura artística e religiosa. **Arte sacra no Brasil colonial**. Belo Horizonte: Edita C/Arte, 2011. p. 95-111. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/044412.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2021.

CIDADE DE CAETÉ. Direção: Instituto Nacional de Cinema Educativo. Brasil: Ministério da Educação e Cultura, 1958. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VPDEltMiH9k>. Acesso em: 22 nov. 2021.

ESTAÇÕES Ferroviárias do Brasil. Caeté. Desenvolvido por Ralph Mennucci Giesbrecht, 2019. Apresenta textos sobre as estações ferroviárias do Brasil. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_ramais/caete.htm. Acesso em: 22 nov. 2021.

FABRINO, Raphael João Hallack. **Guia de identificação de arte sacra**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia_arte_sacra.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

FERREIRA, Clara Assunção. **O tardo rococó de Miguel Treguellas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Conservação e Restauro) - Instituto Federal de Minas Gerais *Campus* Ouro Preto, Ouro Preto, 2018. Disponível em: <https://restauro.ouropreto.ifmg.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2018/10/Clara-Ass>

un%C3%A7%C3%A3o-Ferreira-O-tardo-Rococ%C3%B3-de-Miguel-Treguellas.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

FERREIRA, Maria Clara Caldas Soares. **Arquiconfraria do cordão de São Francisco em Mariana**: trajetória, devoção e arte (c. 1760-1840). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9E8MY?locale=pt_BR. Acesso em: 21 nov. 2021.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. A talha na Bahia do século XVIII. **Revista Cultura Visual**, Salvador, n. 13, p. 137-151, mai. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/4032>. Acesso em: 19 out. 2021.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Livro das belas artes**: Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Caeté, MG). Belo Horizonte: IPHAN, 1950. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1282. Acesso em: 10 dez. 2020.

LAMEIRA, Francisco; SERRÃO, Vitor. O Retábulo proto-barroco da capela do antigo Paço Real de Salvaterra de Magos (c. 1666) e os seus autores. In: II Congresso Internacional do Barroco, 2003. Porto. **Anais eletrônicos** [...]. Porto: UP, 2003. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7512.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

LE MOS, Paulo. **Ouro Preto**: igrejas e capelas. Ouro Preto: Livraria e Editora Ouro Preto, 2016.

LIMA JÚNIOR, Arthur de. **O que há para se ver em Caeté**: roteiro turístico da antiga Vila Nova da Rainha. Belo Horizonte, 1969.

MELLO, Gláucia Nolasco de Almeida; BREMER, Cynara Fiedler; BOMFIM, Camila Mara de Brito; SANTOS, Francielle Ferreira. Arquitetura vernácula nas cidades históricas levantamentos de danos em edificações tombadas: estudo de caso da igreja Nossa Senhora do Rosário em Caeté. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 4, p. 17269-17282, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/8421>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte**: Capela de Nossa Senhora do Rosário – Caeté (MG). Belo Horizonte, 2016.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; ALVES, Célio Macedo. **Barroco e Rococó nas igrejas de Sabará e Caeté**. Brasília. DF: IPHAN, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/roteirosabaraecaeteweb.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. **A talha joanina na Capitania de Minas Gerais**: retábulos, entalhadores e oficinas. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Os tetos pintados da igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Caeté. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG**. Belo Horizonte, n. 21, p. 249-275, jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/20511>. Acesso em: 27 nov. 2021.

RIBEIRO, Paula. **Patrimônio industrial**: estudo de edificações na vila operária de Caeté, Minas Gerais. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/1693>. Acesso em: 11 dez. 2020.

ROSADA, MATEUS. **Igrejas paulistas da colônia e do império**: arquitetura e ornamentação. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário nacional de bens móveis e integrados**: Capela de Nossa Senhora do Rosário, Caeté, Minas Gerais. Brasília: Ministério da Cultura, 1987.

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário nacional de bens móveis e integrados**: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté, Minas Gerais. Brasília: Ministério da Cultura, 1987.

TIRAPELI, Percival. Retábulos Paulistas. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO ÍBERO-AMERICANO, 4., 2006, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Brasil, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9859640-Retabulos-paulistas-jesuiticos-maneiristas-1622-1700-dr-percival-tirapeli-universidade-estadual-paulista.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.